

O Espólio da encosta do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (LOCAS) Alentejo, Portugal

A terra sigillata de tipo itálico decorada e marcas de oleiro II (Um projecto de João Carlos Faria)

Samian ware of the western slope of the Castle of Alcácer
do Sal (LOCAS), Alentejo, Portugal

Stamps and decorated Italian *terra sigillata* – II
(A long term project of João Carlos Faria)

EURICO DE SEPÚLVEDA¹

VANESSA DA MATA²

MARISOL FERREIRA³

RESUMO

Com este artigo dá-se início ao segundo ciclo e final do estudo sobre as cerâmicas exumadas no Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal. Privilegiámos a terra sigillata de tipo itálico na sua vertente decorada, para além das várias marcas de oleiro. Dedicamos esta comunicação ao nosso grande Amigo, arqueólogo, coordenador e impulsor do estudo deste espólio, o JOÃO CARLOS FARIA, que infelizmente não o pôde terminar.

RESUMEN

Con este artículo se da inicio al segundo ciclo y final del estudio de la cerámica fina localizada en el sitio arqueológico que se encuentra ubicado en la cuesta occidental del castillo de la ciudad de Alcácer do Sal (Alentejo, Portugal). Nuestra investigación tuvo como objeto de estudio una parte residual de la terra sigillata de origen itálica, decorada, así como sus marcas de alfarero. Dedicamos este artículo a nuestro gran Amigo arqueólogo y coordinador de este proyecto, JOÃO CARLOS FARIA, quien infelizmente no pudo terminarlo.

¹ Arqueólogo, Associação Cultural de Cascais. euricosepulveda@gmail.com Avenida de Saboia, 1032, Cv. Dta – Monte, 2765-277 Estoril, Portugal.

² Arqueóloga. vanessamata83@gmail.com Rua da Junqueira, nº 2, 2580-088 Alenquer, Portugal.

³ Arqueóloga, Câmara Municipal de Alcácer do Sal. marisol-ferreira@sapo.pt
Câmara Municipal de Alcácer do Sal. Largo Pedro Nunes, Alcácer do Sal, Portugal.

ABSTRACT

The authors present the ultimate results of a study concerning Italian terra sigillata excavated on the western slope of the castle of Alcácer do Sal. Decorated sherds and fragments with potter's stamps were analysed. This paper is in honour of our beloved friend who suddenly died in 2007

PALAVRAS-CHAVE

Castelo de Alcácer do Sal; terra sigillata de tipo itálico decorada; marcas de oleiro

PALABRAS CLAVE

Castillo de Alcácer do Sal; terra sigillata; origen itálica; decoración; marcas de alfarero

KEY WORDS

Castle of Alcácer do Sal, Portugal; decorated Italian Samian ware; potter's stamps.

Recibido el 7 de marzo de 2013. Aceptado el 18 de abril de 2013

INTRODUÇÃO

Por motivos inerentes à condição humana, a nossa equipa ficou, recentemente, reduzida pelo desaparecimento do seu, ainda jovem, coordenador, JOÃO FÁRIA, que foi o grande entusiasta dos estudos relacionados com os materiais exumados aquando da intervenção de emergência na encosta do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal no ano de 1996, por uma equipa do IPPAR, então Instituto de Tutela, a qual contou com o seu valioso apoio.

Contudo, os seus planos, em relação ao material arqueológico que ainda faltava estudar, uma dezena de contentores, foram gorados de forma tão infeliz.

Até ao presente e na sequência da mencionada intervenção arqueológica realizada em 1996, iniciou-se, então, um projecto que tinha por objectivo o estudo e respectiva publicação de todo o espólio romano recolhido aquando do corte efectuado numa área da referida encosta, com o fim de se obter um alargamento da estrada que permitiria o acesso à pousada de turismo, que seria construída aproveitando o edifício/estruturas do Convento de Nossa Senhora de Aracaeli (Paixão, A. *et alii*, 2007) assim como da limpeza do lixo acumulado na vertente e à abertura de valas que possibilitassem a eletrificação da via pública.

Foi então que no ano de 2000 se iniciou o estudo do imenso espólio encontrado em superfície, do qual resultou um primeiro artigo, que visou o estudo de um conjunto de *terra sigillata*, constituído por 60 fragmentos de tipo itálico, sudgálica e hispânica (Sepúlveda, E. *et alii*, 2000).

Posteriormente, foram trazidas à colação as cerâmicas de verniz negro e cinzentas (Sepúlveda, E. *et alii*, 2001) e um conjunto que incluía vasos de cerâmica de paredes finas, discos de lucernas e pratos/frigideiras com engobe de tipo vermelho pompeiano (Sepúlveda, E. *et alii*, 2003).

Para além destes tipos cerâmicos que constituíam o material recolhido, na escavação de 1996, encontravam-se também contentores cerâmicos do tipo ânfora, num total de 44 fragmentos, que viriam a ser publicados em 2006, e onde se efectuou um estudo sobre os seus tipos, cronologias e locais de produção (Pimenta, J. *et alii*), sendo mais tarde analisadas cerâmicas comuns de importação, almofarizes, pesos de tear e cossoiros (Sepúlveda, E. *et alii*, 2006).

No seguimento do que tinha sido planeado retomamos, pois, o estudo ao espólio remanescente, tendo em mente a preocupação de não nos afastarmos das linhas que tínhamos seguido anteriormente, motivo que nos levou, desde o início deste novo trabalho, a seguirmos a metodologia adoptada nos artigos já publicados.

O problema da quantificação tem conhecido estudos controversos que se transformam, por vezes, em obstáculos difíceis de ultrapassar. A investigação estatística tenta, por isso, superar os problemas apresentados pelos arqueólogos com resultados que nem sempre conseguem satisfazer todo o universo cerâmico⁴, motivo que leva a que as comparações entre espólios se tornem tarefa de difícil resolução.

Decidimos, portanto, utilizar, como método de análise de contagem, a noção de NMI (número mínimo de indivíduos), que significará o conjunto daqueles «qui reflètent déjà une interprétation du matériel [...] après le recollage»⁵. Estaremos, assim, mais aptos a fazer comparações quantitativas com trabalhos de investigação que tenham empregado o mesmo conceito estatístico, como sejam os casos dos estudos de Catarina Viegas sobre o espólio da Alcáçova de Santarém e o de Rui Morais para as cerâmicas exumadas, até este momento, na cidade de Braga. Com o fim de facilitar outros tipos de comparação, apresentaremos uma contagem dos fragmentos (NR)⁶ de *terra sigillata* de tipo itálico.

Quanto às formas, privilegiámos a tipologia de *Conspectus* (Ettlinger, E. *et alii*, 1990), complementada pela do «Atlante» (Pucci, G., 1985) e a de Bolsena (Goudineau, C., 1968).

⁴ HUSI, P., 2000, p. 8.

⁵ *Ibidem*, p. 4.

⁶ De acordo com a tradução livre de Catarina Viegas da sigla NR (*nombre de restes*) presente nos textos do protocolo de Beauvray e também utilizada por Philippe Husi (*ibidem*: 3).

1. O ESPÓLIO

O espólio que constituiu o objecto da nossa investigação apresenta um total de 336 fragmentos de *terra sigillata* de tipo itálico, a que correspondem 175 NMI.

No quadro 1, indicamos os subconjuntos em que dividimos ambas as classes indicadas. Do total dos 175 NMI apurados, não iremos apresentar as peças não decoradas, 146, que se encontram já estudadas e que representam a maioria, atendendo ao facto de fugirem ao âmbito da comunicação que apresentámos, pois privilegiámos, nela, as produções decoradas e os fragmentos com marcas de oleiro que representam 9,1 e 7,4 % do total (Q. 1).

Quadro 1. Totais de fragmentos e NMI e suas percentagens

<i>Terra sigillata</i> tipo Itálico	Fragmentos	%	NMI	%
Não decorada	307	91,36	146	83,43
Decorada	16	4,77	16	9,14
Marcas de oleiro	13	3,87	13	7,43
Total	336	100,00	175	100,00

2. A TERRA SIGILLATA DE TIPO ITÁLICO

Na nossa análise tivemos como preocupação fundamental efectuar, ao longo dela, comparações com outras estações arqueológicas que tivessem sido objecto de um estudo criterioso sobre a *sigillata* de tipo itálico, presentes nos seus espólios. Optámos por tornar a escolha o mais coerente possível, tentando, dentro da disponibilidade bibliográfica que possuíamos, apresentar uma panóplia de arqueossítios que pudessem relacionar-se com a cidade de *Salacia* utilizando como critérios de escolha a localização geográfica (Encarnação, J., 2004), a situação administrativa e, quiçá, a económica, durante o período que vai de finais da República a meados do século I d. C. (Morais, R.; Bernardes, J., 2011).⁷

Quanto ao aspecto geográfico, escolhemos, na Bética, a cidade de *Baelo Claudia*, que se localizava bem a sul da província e que se encontrava, no *Itinerário de Antonino*, a pouco mais de 78 km de *Gades*⁸, em zona costeira, na enseada de *Bolonia*. Esta cidade conheceu, entre a década de 60 e os inícios dos anos 70 do séc. XX, uma série de escavações que deram lugar a um conjunto de publica-

⁷ Este limite final, deverá ser, talvez, um pouco mais alargado até toda a época neroniana; justifica-se pela ausência na colecção de fabricos designados como *terra sigillata* de tipo itálico tardia.

⁸ SILLIÈRES, P., 1997, p. 17.

ções, das quais se destaca o volume dedicado ao estudo da *terra sigillata* de Bourgeois e Mayet (Bourgeois, A.; Mayet, F., 1991), o qual tem sido utilizado como um dos casos paradigmáticos para a comparação dos fluxos de comércio mediterrânico/ibérico deste tipo de cerâmica para/na *Hispania*.

Para além de *Baelo Claudia* estabeleceremos comparações, no domínio das importações da *terra sigillata* de tipo itálico, com outras cidades situadas na Bética, que consideramos *en route* para os produtos itálicos destinados à costa atlântica, como sejam Carteia e a própria *Gades*, não esquecendo as cidades norte-africanas de Ceuta (*Septem Fratres*), Tanger (enclaves de *Tingis* e *Cotta*) e *Tamuda*, situadas na região do estreito de Gibraltar.

Já quanto à cidade de *Lixus* e seu enclave de *ad Mercury*, na costa atlântica para sul, far-lhe-emos uma breve referência, na medida em que poderemos aferir da popularidade de que os oleiros aretinos desfrutaram (Limane, H., 2004)⁹ durante o período que estamos a analisar.

Privilegiámos também a cidade romana de *Cosa*¹⁰, situada junto à costa do Mar Tirreno, na região da Toscana. As primeiras escavações arqueológicas ocorreram logo após a II Guerra Mundial, entre 1948 e 1954, conhecendo-se um interregno de cerca de onze anos, altura em que a Academia Americana em Roma as reassumiu, terminando-as em 1972. Das várias publicações sobre o espólio recolhido utilizámos a de Marabini (Marabini, M., 2006) sobre a *terra sigillata*, que será de uma ajuda preciosa, especialmente no que toca às produções itálicas decoradas.

Já quanto ao aspecto administrativo utilizámos como exemplo comparativo a vertente das trocas comerciais da capital da província – *Augusta Emerita*¹¹. Para tal serviu-nos de referência o último trabalho do investigador espanhol Jerez Linde (Jerez Linde, J., 2005), que actualizou os estudos referentes às marcas de oleiros de Françoise Mayet, publicados nos finais de 1970, de Pérez Outeiriño de 1990 e pertencentes ao espólio do museu de Mérida e o mais recente, de Macarena Bustamante (Bustamante Álvarez, M., 2008). Devemos destacar na obra de Jerez Linde a apresentação das formas lisas, que até então não tinham sido estudadas e cujo conhecimento se tornava uma necessidade premente, atendendo à cronologia fundacional e às importações de louça fina de mesa de origem itálica durante os primeiros anos de vida da colónia.

Escolhemos também duas sedes de conventos jurídicos romanos, pertencentes hoje em dia ao território português, que conheceram investigações, nos últimos anos, de mérito reconhecido – *Scallabis* e *Bracara Augusta*. Seguimos, bem de perto, os trabalhos de Catarina Viegas (Viegas, C., 2003) e o de Rui Morais

⁹ *Apud* BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M., 2010, Anexo VIII.

¹⁰ Moderna cidade de Ansedonia.

¹¹ Apenas foi possível obter dados referentes ao espólio depositado no Museu Nacional de Arte Romano (Mérida).

(Morais, R., 2005), procurando paralelos para a atribuição a esta ou àquela forma de fragmentos de tamanho reduzido, os quais, pertencendo a bordos ou bases, são sempre de reconhecida dificuldade em classificar.

Também a situação geográfica da Alcáçova de Santarém, bem perto de uma via fundamental de comércio, o Tejo, punha-a em paralelo com a localização de Alcácer, ambas a apresentarem grande acessibilidade a intercâmbios comerciais marítimos.

Já Braga nos interessou também por ser uma cidade de fundação augustana. A afirmação de Rui Morais «somos, assim, tentados a considerar que *Bracara Augusta*, fundada num espaço de tempo correspondente ao ano 15/13 a. C.»¹² coloca-a dentro de um espectro cronológico análogo aos de *Salacia* e de *Scallabis Praesidium Iulium*¹³.

Por fim, a pequena cidade romana de *Conimbriga*. Na década de 70 do séc. XX, são dados à estampa vários volumes com o estudo efectuado aos diversos espólios, obtidos durante as escavações. Entre estes é de distinguir o volume dedicado à *terra sigillata* de tipo itálico, da autoria de Adília Alarcão¹⁴, que se tornou, desde então, referência bibliográfica obrigatória.

2.1 As formas decoradas

No espólio das cerâmicas de *terra sigillata* de tipo itálico obtivemos um conjunto de 16 peças decoradas bastante fragmentadas, que foram divididas em bordos (4) e paredes (12) e que possuem uma gramática decorativa variada.

No respeitante à forma, todos esses fragmentos pertencerão a cálices, embora sejam só os fragmentos de bordo —LOCAS 248, 351, 357 e 358/96— os que nos permitem adiantar uma classificação dentro da tipologia de *Conspectus*, pois possuem tamanho bastante significativo. Os restantes doze fragmentos de parede, atendendo às suas dimensões reduzidas, não possibilitaram esta classificação. Contudo, a parede 363/96 pertencerá a um cálice, *Consp.* R2.3., pois encontramos paralelo para a sua decoração num cálice deste tipo.

2.1.1 Bordos de cálice¹⁵

Os fragmentos LOCAS 248/96 (Est. V.54) e LOCAS 358/96 pertencem a cálices do tipo *Consp.* R4. O primeiro insere-se na variante *Consp.* R4.1, e está de-

¹² MORAIS, R., 2005, p. 31.

¹³ VIEGAS, C., 2003, pp. 17, 18.

¹⁴ No respeitante à *terra sigillata* seria imperdoável esquecer Manuela Delgado e Françoise Mayet.

¹⁵ Estampa V.

corado com uma banda de guilhochis. Os paralelos que obtivemos para eles estão localizados em Braga (Morais, R., 2005:152, nº 10) e Santarém, onde os fragmentos do tipo R4, pelas suas dimensões, não podem ser subdivididos.

O fragmento LOCAS 351/96 (Est. V.53) insere-se no tipo *Consp.* R2.3. Tem bordo emoldurado e a parede apresenta vestígios de decoração. Em Santarém, foram identificados dois fragmentos (Viegas, C., 2003:76, 77, nºs 1173 e 1211). No que se refere a Braga, dos cálices deste tipo apenas um pertence a este subtipo (Morais, R., 2005:125, nº 9). Em Conímbriga, foi exumado um, considerado como proveniente da oficina de *Perennivs* (fase barghatea). Para Cosa, dos cálices R2, existe apenas um R2.3 (Marabini, T., 2006, nº 67). Em Mérida, foram identificados dois, mas já do tipo R2.2.1, atribuídos, também, a *Perennivs* (Jerez Linde, J., 2005, nºs 34014 e 32062).

A parede do vaso, perto do bordo, LOCAS 357/96, embora de dimensões consideráveis, não forneceu pista que permitisse incluí-la em qualquer forma dos vastos tipos de cálices, *modiolvs*, copos e cântaros apresentados por Ettlinger (*op. cit.*) e por Francesca Porten Palange (Porten Palange, F., 2009).

Catálogo

Nº Inv	Oleiro	Consp.	Origem	Ø mm	Esp. mm	Cronologia	Observações
LOCAS 248/96	Ind.	R4.1	Arezzo	140*	4	15 a. C./ 14 d. C.	Banda em guilhochis
LOCAS 351/96	Ind.	R2.3	Arezzo	210	5	15 a. C./ 14 d. C.	Vestígios de decoração
LOCAS 357/96	Ind.	—	Arezzo (?)	Ind.	5	—	—
LOCAS 358/96	Ind.	R4	Arezzo	Ind.	4	15 a. C./ 14 d. C.	Banda em guilhochis

* A meio da parede.

2.1.2 Paredes decoradas¹⁶

Passemos, então, à análise destes fragmentos que, como afirmámos *supra*, pertencem a um conjunto constituído por 12 elementos, que nos permitiram estabelecer as seguintes considerações, tendo sempre presente a nossa impossibilidade de atribuição destes fragmentos às formas das quais fariam parte. Tornou-se, assim, necessário, na maioria das vezes, optar pela utilização do termo genérico cálice.

¹⁶ Estampas II, III e V.

1. No primeiro fragmento, LOCAS 249/96 (Est. II.15 e Est. V.41), encontra-se representada uma figura, para a esquerda, que pensamos ser feminina, embora só se possa observar uma porção do torso compreendido desde um pouco abaixo do ombro até à anca. Perto desta, encontra-se a mão esquerda, que nos dá a sensação de estar apoiada em algo não bem definido, segurando, talvez, um fino ramo sem folhagem.

Na parte posterior parecem existir os restos de um véu ou, quiçá, de uma asa, o que nos levaria a pensar relacioná-la com a representação de uma Vitória alada. A peça foi efectuada num molde que lhe deu excelente relevo, embora com imperfeições na parte frontal do torso e nas costas.

2. O fragmento LOCAS 250/96 (Est. II.16 e Est. V.42) pertence à parede inferior, junto ao pé, de um cálice, de tipologia indeterminada e em que a composição, da parte do friso que possuímos, atendendo ao seu estilo decorativo, permite afirmar ser um produto da oficina de *PVBLIVS CORNELIVS*. Esta oficina situada em Cincelli (Arezzo) foi estudada por Cristina Troso, que aponta para o início da produção um *terminus ante quem* referenciado ao abandono do campo de Haltern e com final no principado de Tibério, podendo, no entanto, estender-se, com grande probabilidade, até Cláudio¹⁷. Kenrick (OCK, 2000, oleiro nº 623) define o intervalo entre 5 a. C. e 40 d. C. para o funcionamento da oficina de Cornélio.

O friso decorativo da peça foi elaborado a partir de três punções: Troso 160 (círculos duplos), 177 (roseta de 8 pétalas com círculo central) e 230 (folhas do tipo «pluma» com nervura central da qual saem outras colocadas de forma simétrica). Embora de dimensões exíguas para se definir toda a composição decorativa, podemos, com base em paralelos, interpretá-la como sendo um conjunto de folhas de nervuras segmentadas, que formam «angoli e rombi che racchiudono una foglia plumata»¹⁸, limitadas por um friso de círculos duplos, colocado na parte inferior.

Vários foram os paralelos encontrados na bibliografia consultada. Destacamos nas colecções do Museu Britânico a porção de um cálice com os mesmos motivos, exumado no Egipto (Coptos) por Petrie, durante finais do século XIX, que faz parte de um dos catálogos de Walters (Walters, H., 1908)¹⁹, sobre a cerâmica romana no Departamento de Antiguidades do museu, o que não impediu que Dragendorff e Watzinger, em 1948, no estudo sobre a cerâmica aretina decorada, inserissem na *Tafel* 37, nº 561 (invent. nº 4648) o mesmo fragmento, considerando-o, obviamente, corneliano; os exemplares da Tav. 68 e 69, nºs 408 a 421 do catálogo de Troso, provenientes do Museu Arqueológico G. C. Mecenate de Arezzo, têm o mesmo tema decorativo, especialmente o 411, e são atribuídos à terceira fase da

¹⁷ TROSO, C., 1991, p. 66.

¹⁸ *Ibid.*: nº 411, 118.

¹⁹ WALTERS, H., 1908, Appendix (L 156-172), 1. Ornamented vases from Egypt (L 156-158), nº L 156, p. 41.

produção que se caracteriza por apresentar um punção *P. Cornelius*²⁰ com caracteres de pequena dimensão; Marabini (Marabini, M., 2006) menciona, para Cosa, um fragmento recolhido nas escavações efectuadas na zona de ocupação habitacional desta cidade, sem estratigrafia,²¹ considerando este conjunto de punções como «very common in the repertory of Cornelius»²²; em Portugal e num estudo recente (Gomes, N., 2002)²³, tivemos conhecimento de uma peça, exumada nas escavações de emergência na Praça da Figueira (Lisboa), durante os anos de 1999 a 2001²⁴, idêntico na sua gramática decorativa.

Para além do fragmento apresentado para *Salacia* e do da Praça da Figueira existem peças decoradas deste oleiro em arqueossítios romanos que fazem parte do actual território português. Apenas com mera intenção informativa podemos indicar: Alcácer do Sal, onde já tinha sido referenciada uma marca juntamente com um dos seus escravos *PRIMVS* numa taça de tipo Drag. V (Faria, J. *et alii*, 1987); no espólio romano do Museu de Setúbal/Convento de Jesus tivemos oportunidade de identificar alguns punções de Cornélio (Sepúlveda, E.; Cardoso, G., 2007); Rui Morais (Morais, R., 2005) atribui à produção deste oleiro três peças resultantes das escavações feitas em Braga, no Largo São João do Souto, nas Termas e nas Cavalariças²⁵; em Santarém, Catarina Viegas (Viegas, C., 2003), entre os fragmentos decorados, analisa três que poderão pertencer à oficina de Cornélio, dois dos quais, cálices do tipo *Consp. R4* (2590 e 2591), apresentam «faixa lisa de separação do bordo da área decorada»²⁶, motivo que a leva a comparar com cálices idênticos encontrados em Conímbriga e associados a *ANTIOCO*, escravo de Cornélio. Finalmente, o outro (nº 2872) está decorado com o punção de Troso 230 (folha emplumada)²⁷ idêntico ao da nossa peça; Adília Alarcão (Alarcão, A., 1975) no volume IV das *Fouilles* de Conímbriga, considera como pertencentes a *P. Cornelius* ou a seus escravos, três peças decoradas todas do tipo cálice²⁸; por fim, no Castelo da Lousa (Mourão), está referenciado, por Afonso do Paço (Paço, A.; Leal, J., 1966)²⁹, um fragmento de cálice, em que foi utilizado um punção representando uma figura de homem com calção (?).

3. Já o fragmento de pequenas dimensões, LOCAS 255/96 (Est. II.17 e Est. V.43), está decorado com o resto de dois punções que se tornaram de difícil identificação. Num deles estará representado um pé (?), que se encontra quase tan-

²⁰ Marca definida como do tipo C, fig. 1.

²¹ MARABINI, M., 2006, p. 46, nº 57, pls.47 e 82.

²² *Ibidem* p. 46, nº 57.

²³ GOMES, N., 2002, p. 50, fig. II e Est. II nº 5. (revisado em 2011 por Catarina Bolíla).

²⁴ Direcção de Rodrigo Banha da Silva e Marina Carvalhinhos (Museu da Cidade de Lisboa).

²⁵ MORAIS, R., *Op. Cit.*, pp. 151, 152 e 155, nºs 17, 19 e 40 (embora este último seja indicado com interrogação).

²⁶ VIEGAS, C., *Op. Cit.*, p. 78.

²⁷ *Ibidem*, p. 82.

²⁸ ALARCÃO, A. *et alii*, 1975 pp. 8 e 9, Pl. I, 2, 8 e 10.

²⁹ PAÇO, A., 1966, Fig. 21, nº 2.

gente ao segundo punção, um arco de elipse que nos parece ser a parte superior de uma cabeça com penteado em bandó (?). O fragmento termina por linha de hífenes feita à mão livre, elemento decorativo muito utilizado no reportório dos oleiros itálicos.

4. A parede de cálice LOCAS 362/96 (Est. III.19 e Est. V.44) pertencerá certamente ao reportório de *RASINIVS* e parece delinear a parte da asa esquerda de uma *Nike* (Porten Palange, F. 2004: wMG/Nike fr 5a), enquanto no estudo de Stenico, sobre este oleiro, o punção tem o número 14 (Stenico, A., 1960: 28, N. 37; 53, nº 14). Por sua vez, Marabini (Marabini, M., 2006:91-95) apresenta, para Cosa, um cálice de tipo R1.1, onde se encontra o mesmo punção e que vai atribuir, não sem reservas, a *RASINIVS-MEMMIVS*.

5. O fragmento LOCAS 363/96 (Est. II.18 e Est. V.45) está decorado por três frisos paralelos, marcando o início da decoração. Estes apresentam, de cima para baixo, pérolas de tamanho pequeno, hífenes, feitos a mão livre e rosetas de dezasseis pétalas. Encontrámos um paralelo, na região do Reno³⁰, num cálice completo do tipo *Consp.* R2.3.1, com diacronia de meados de Augusto, assinado no interior pelo oleiro aretino *ATEIVS* (Oxé, A., 1933: Tafel XXXII, nº 132 a, b e c). A conjugação da forma com a gramática decorativa levou-nos a atribuir, a nossa peça, à oficina daquele oleiro, que laborou entre 15 e 5 a. C.

6. O fragmento seguinte, LOCAS 364/96 (Est. III.20 e Est. V.46), consta da cabeça, do torso e do braço direito estendido para cima, de uma figura masculina, voltada à direita. Deparámo-nos com sérias dificuldades para encontrar paralelos. Pensamos, no entanto, poder identificar esta figura com a de um sátiro presente na «procissão de Ônfale», cena incluída no chamado «Ciclo de Hércules e Ônfale»³¹. Marabini (Marabini, M., 2006:107-109, nº 18) descobriu, em Cosa, um conjunto de fragmentos de cálice que lhe permitiram reconstituir esta procissão mitológica. Da colagem de alguns fragmentos obteve uma sequência de várias figuras, entre as quais individualizou um sátiro, idoso, que segura na mão direita uma tocha, enquanto com a outra mão agarra um pequeno odre de vinho, que leva ao ombro. No fragmento por nós estudado, esta posição parece-nos bastante semelhante, embora não seja possível identificar o restante. O desenho do cabelo, da testa e da barba não destoa da descrição feita por Marabini e da de um exemplar do Reno apresentado por Oxé³². Esta gramática decorativa pertencerá à oficina de M. Perénio na conhecida fase de *TIGRANVS*, embora o cálice de Cosa seja assinado por *CERDO*. A diacronia destes oleiros cinge-se ao período entre Augusto e inícios de Cláudio.

³⁰ Estes cálices são extremamente abundantes no forte romano de Haltern.

³¹ Ferrari, A., 1999 p. 285: «La schiavitù di Eracle presso Onfale fa pensare al mito di una figura divina femminile di origine orientale a fianco della quale si trovava un consorte di rango inferiore.»

³² Tafel LXIV, 155^a, exemplar atribuído a M. *PERENIVS*. Não devemos descartar a hipótese de se tratar de um auriga que segura as rédeas do seu carro.

7. Outro fragmento de cálice, LOCAS 365/96 (Est. III.21 e Est. V.47), apresenta-se decorado com um punção que, embora muito incompleto, nos permite identificar a cabeça de um/uma jovem de perfil para a direita, com o braço direito coberto por uma manga curta com dobras (possivelmente de um quíton), em posição de quem estaria a apontar para baixo. É uma figura extremamente bem concebida, em que se vislumbra a preocupação do oleiro em expressar movimento. Este é dado por uma sequência contínua de três imagens, que, pelo traço apresentado, nunca poderá ter ocorrido devido à «derrapagem» do punção. Atendendo ao facto de não possuímos mais nenhum outro elemento que possibilite a reconstituição da cena decorativa em que este/a jovem estivesse inserido/a não conseguimos obter paralelos para ele.

8. A parede de cálice, LOCAS 366/96 (Est. III.22 e Est. V.48), é decorada com uma composição de tipo vegetalista, em que se reconhecem folhas de videira, um pequeno cacho de três uvas (?) e gavinhas enroladas. Entre os exemplos com este motivo decorativo encontramos um paralelo em Cosa, originado na oficina de RASINIVS (Marabini, M., 2006:Plate 60, nº 4b).

9 e 10. Dois pequeníssimos fragmentos fazem parte deste espólio. O primeiro, LOCAS 375/96 (Est. III.23 e Est. V.49), exhibe um motivo vegetalista – folha de acanto –, presente nos reportórios de Cornélio (Troso, C., 1991: nº 216) e de Rasinio (Stenico, A., 1960: nº 263), que se combina com um «cordão de caracóis», segmentado, que poderemos assimilar à composição do oleiro de Pozzuoli *NAE-VIVS* (Oxé, A., 1933, Tafel LXX, nº 323), assim como à de outro cálice *Consp. R.5.1.2.* (*ibidem*, Tafel XIV, 61), para além do pertencente ao espólio do Museu de Mérida (Jerez Linde, J., 2005: 29, nº 17; 142, fig. 6-17).

O segundo fragmento, LOCAS 376/96 (Est. III.24 e Est. V.50), tem a particularidade de apresentar uma espessura finíssima, o que nos levaria a pensar pertencer a um vaso de cerâmica de paredes finas; no entanto, a técnica utilizada é a da *terra sigillata*. Quanto à temática decorativa, identifica-se uma canelura seguida da ponta de uma asa, que pensamos pertencer, pelo seu tamanho reduzido, a um pequeno amor.

11. No fragmento MMPN 2629 (Est. III.25 e Est. V.51), parede inferior de cálice, apenas detectámos uma série de linhas irregulares, acompanhadas de relevos que interpretámos como o drapejamento de uma colcha ou lençol e que poderia fazer parte de cenas relacionadas com festivais em honra de Baco, cenas de tipo simpósio ou de simplegmas amorosos/eróticos. Poderíamos apresentar vários paralelos para ele; no entanto, escolhemos uma peça, inédita, de grande valor estético, encontrada na intervenção arqueológica urbana, da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa), que ocorreu sob a direcção de Lídia Fernandes (Sepúlveda, E.; Fernandes, L., 2012).

12. Terminamos com a peça MMPN 2639 (Est. III.26 e Est. V.52), em que se encontra representada a figura de um jovem sátiro, de perfil para a direita, de

que não possuímos a cabeça e os pés, segurando nas mãos uma flauta de tipo aulos (αύλός).

Este punção está classificado como **S re 5a** no catálogo dos punções referentes a Arezzo apresentado por Porten Palange, em 2004³³, que o considera como tendo origem nas oficinas do «grupo Rasinio Memio». A descrição desta autora para o resto do punção completa a leitura do mesmo: o sátiro encontra-se colocado numa posição em que «Der kopf nach links in Profil...» enquanto os pés se encontram voltados para a direita. Este punção tem como paralelos dois fragmentos que constam do estudo efectuado em 1948 por Dragendorff e Watzinger sobre a *terra sigillata* aretina de Tubingen, presentes na figura (Beil) 4 com os números 23 e 24.

Catálogo

Nº Inv	Oleiro	Consp.	Origem	Ø mm	Esp. mm	Crono	Observações
LOCAS 249/96	Ind.	Cálice	Arezzo	—	3	?	Possivelmente menade dançante
LOCAS 250/96	<i>P. Cornelivs</i>	Ind.	Arezzo	—	6	5 a. C./ 40 d. C.	Frag de parede de cálice
LOCAS 255/96	Ind.	Ind.	Arezzo	—	3	?	—
LOCAS 362/96	<i>Rasinivs</i>	Ind.	Arezzo	—	3	15 a. C./ 15+ d.C.	Excelente execução
LOCAS 363/96	<i>Ateius</i>	R2.3.1	Arezzo	—	3	15-5 a.C.	—
LOCAS 364/96	Cerdo / <i>Tigranvs</i> (?)	—	Arezzo	—	3	Augusto/ Cláudio	Procissão de Ônfale
LOCAS 365/96	Ind.	—	Arezzo	—	4.5	—	—
LOCAS 366/96	<i>Rasinivs</i> (?)	—	Arezzo (?)	—	4	—	Possivelmente de cronologia augusta/ cláudia
LOCAS 375/96	<i>Naevivs</i>	R. 5.1.2	Pozzuoli (?)	—	2,7	1-20 d. C.	—

³³ PALANGE, P., 2004, p. 199, Tafel 107.

Nº Inv	Oleiro	Consp.	Origem	Ø mm	Esp. mm	Crono	Observações
LOCAS 376/96	Ind.	Ind	Arezzo (?)	—	1,6	—	Asa de amor
MMPN 2629	Ind.	Ind.	Arezzo	—	4.4	?	Possivelmente terá uma cronologia au- gusta
MMPN 2639	<i>Rasinivs/ Memmivs</i>	Ind.	Arezzo	—	3,3	—	Sátiro

2.2 Os oleiros itálicos³⁴

Na intervenção arqueológica da encosta do Castelo de Alcácer obtivemos um conjunto de 14 oleiros itálicos, que apresentam marcas em cartelas de tipo variado, tendo-se verificado a mesma dificuldade, que ressalvamos para as paredes decoradas, quanto à identificação tipológica dos vasos onde estas marcas foram apenas.

Estabelecemos, assim, a partir do total das marcas, 5 grupos, constituídos tendo como base um critério de identificação geográfico das olarias. Definimos, deste modo, oleiros com oficina em Arezzo; com oficina, possivelmente em Arezzo; em Pozzuoli/Cumae; em sítio indeterminado e, por fim, marcas de difícil atribuição ou mesmo de leitura incerta.

Pensamos serem estes agrupamentos explicativos, na sua essência, motivo por que passaremos a expor os resultados obtidos da análise feita a cada oleiro.

2.2.1 Oleiros com oficina em Arezzo

1. A marca LOCAS 270/96 (Est. I.1 e Est. IV.27) é proveniente das oficinas de *P. CORNELIVS* e está assinada pelo seu escravo *FIRMVS*. A oficina de Públio Cornélio é, sem dúvida, das mais conhecidas por todo o Império, visto terem trabalhado nela, pelo menos, 55 escravos³⁵, o que provocou, ao longo dos anos, uma oferta dos seus produtos das mais significativas³⁶. Quanto à presente marca, esta foi feita com um punção de tipo rectangular, dividido ao meio por uma linha irregular incisa em que se lê no espaço superior, com dificuldade, l'IRM e, no infe-

³⁴ Estampas I, II e IV.

³⁵ Destes, apenas seis são conhecidos como tendo produzido *terra sigillata* de tipo itálico decorada: Antíoco, *Bituhvs*, Fausto, Heráclidas, Primo e *Rodo*.

³⁶ No actual território português, são inúmeros os exemplos que podíamos indicar, quer do oleiro «marcando» sozinho, quer conjuntamente com os seus escravos.

rior, P·CO (também pouco nítido). Aquando da aplicação, houve um ligeiro desvio, que motivou um «esborratar», provocando a sua leitura difícil. Corresponde no OCK ao oleiro Firmo número 646, punção nº 6, que tem como início da sua produção 15 a. C., embora o seu final ainda não tenha sido determinado. Para a Lusitânia, encontramos este tipo de marca em fragmentos provenientes de Conímbriga (Alarcão, A., 1975)³⁷ e, em Mérida, num exemplar da Alcazaba (Jerez Linde, J., 2005), embora com as posições de leitura invertidas: na primeira linha P CORN e, na segunda, o nome do escravo I'IR^M³⁸.

2. Outro dos oleiros é *SAVFEIVS*, OCK nº 1800, que manteve a sua actividade desde 15 a. C. até pelo menos 30 d. C., diacronia baseada no tipo da cartela OCK 617 (*in planta pedis*). Esta está completa, centrada, aplicada num fundo, LOCAS 267/96 (Est. I.2 e Est. IV.28), de uma taça de forma cónica de que possuímos uma porção do fundo, interior, em que se lê SAVEE^I (o S é retrógrado e o primeiro E parece um F com um ponto). Kenrick apresenta exemplos deste tipo de variantes (1800, 16 a 21) e, embora seja difícil indicarmos um paralelo, pensamos ser a do museu de Arezzo com o nº 16 a mais idêntica. Saufeio é um oleiro relativamente pouco conhecido na Lusitânia romana. Conceição Lopes, em 1994, identificou nas Represas a primeira marca, incompleta, em cartela de forma rectangular (nº de Inv. 4120). A marca completa de *Salacia*, torna-se assim, a segunda marca encontrada deste oleiro, no actual território português, pois, Saufeio está ausente em Braga, *Balsa*, Lisboa (Teatro Romano) e na Alcáçova de Santarém. Em Mérida são, no entanto, conhecidas duas marcas de escravos seus, Félix e Filomuso, oriundas da «Casa Basílica» e da lixeira da «Plaza de Toros», (Jerez Linde, J., 2005: 90 e Fig. 22, nºs 118, 119).

3. A próxima marca, LOCAS 360/96 (Est. I.3 e Est. IV.29), incompleta, encontra-se colocada num pequeníssimo fragmento de fundo de uma taça numa cartela rectangular *Consp.* 100, com nome do oleiro inscrito em duas linhas paralelas sem qualquer tipo de separador. Identificámos, na primeira linha, as letras T T I e na segunda I A. Trata-se de uma das variantes epigráficas do oleiro L. *TETTIVS SAMIA* (OCK 2109), que desenvolveu a sua actividade de oleiro entre 20 a. C. e 5 d. C., na Etrúria³⁹. Adília Alarcão e Dias Diogo⁴⁰ referenciaram em Alcácer três marcas deste oleiro. Embora estas sejam pouco conhecidas nas estações arqueológicas portuguesas, existem em Santarém (Viegas, C., 2003) e no Monte do Manuel Galo (Maia, M., 1974), estando ausentes nos espólios de Braga, Conímbriga, Teatro Romano de Lisboa e Represas. De Mérida apenas foi publicada uma marca da Alcazaba, com cartela rectangular e com separação entre as duas linhas (Jerez Linde, J., 2005: 92, e Fig. 23, nº 126).

³⁷ ALARCÃO, A., *op. cit.*, números 242 e 243; 40, 44, 62 e 63 e Plate XIII.

³⁸ JEREZ LINDE, J., 2005, figura 20, nº 35.

³⁹ Kenrick levanta dúvidas sobre a localização da/s olaria/s de L. Tetios Samia, embora conclua que «the workshop is surely in Etruria at least, and perhaps not far away.».

⁴⁰ DIOGO, A., 1980, pp. 14 e 20.

4. Outra marca completa está impressa em cartela rectangular de cantos arredondados, LOCAS 268/96 (Est. I.4 e Est. IV.30), identificando-se os seguintes nexos L[^]T (?), T[^]H[^]Y e S[^]I. Devido ao punção ter sido aplicado de maneira deficiente, torna-se difícil a sua leitura. Daí pensarmos ser possível pertencer a uma de duas oficinas: a de *THYRSVS* oleiro nº 2120 do OCK com cronologia de 20 – 1 a. C., ou a de *L. TITIVS THYRSVS*, (OCK nº 2246, 41), com diacronia de 20 a. C. – 10 d. C. Em relação ao oleiro 2120, verifica-se ter tido como mercados preferenciais a *Germania*, a *Belgica* e a Itália. Na Península Ibérica, são conhecidas apenas duas marcas suas na Tarraconense (Ampúrias e Tarragona). Quanto ao oleiro com o número 2246, podemos considerá-lo como um dos mais profícuos, sendo conhecido em todas as províncias do Império, com ressalva para a Bética. Na Tarraconense, encontramos, possivelmente, uma marca em Braga (Morais, R., 2005:173, oleiro nº 7)⁴¹ e para a Lusitânia duas em *Imperatoria Salacia* (a primeira publicada em 1980)⁴².

5. A próxima marca, LOCAS 262/96 (Est. I.5 e Est. IV.31), pertence ao oleiro *A. VIBIVS SCROFVLA* (OCK 2400), que, se atendermos à diacronia que é atribuída à sua oficina, 40 a 15 a. C., será a marca mais antiga do espólio que apresentamos. Com oficina em St^ª. Maria in Gradi, são-lhe conhecidos 16 escravos. Trata-se de uma marca de dimensões reduzidas aplicada em cartela rectangular (tipo OCK 100), em duas linhas em que se lê, na primeira AVB, e, na segunda SCR. Embora seja um oleiro sobejamente conhecido nas províncias da *Iberia* não tinha sido ainda encontrada qualquer marca na Lusitânia, excepção feita para esta e uma outra indicada por Faria (Faria, J. *et alii*, 1987)⁴³, num prato de tipologia não determinada, em que pode ler se AVIBI/SCROF.

2.2.2 Oleiros com oficina, possivelmente, em Arezzo

6. A primeira marca pertence a *L. GELLIVS*, oleiro nº 879 do OCK, com cronologia localizada entre 15 a. C. e 50 d. C., que terá desenvolvido a sua actividade possivelmente em Arezzo. Marca completa inscrita em cartela rectangular de cantos arredondados, LOCAS 265/96 (Est. I.6 e Est. IV.32), sem nexos em que se lê LGELL. O primeiro L parece-nos um I, facto que leva a pensar na existência de um pequeno desvio aquando da aplicação do punção. No entanto, identificámos no OCK um punção com o nº 102 (tipo 451, rectângulo com cantos arredondados), que dá a leitura IGELI, encontrado em Roma, que se terá de indicar, possivelmente, como paralelo para o exemplar de Alcácer do Sal. Kenrick apresenta um total

⁴¹ A atribuição a este oleiro da marca nº 7 de Braga, em cartela de duas linhas à qual falta a segunda, é feita na base da existência de um possível paralelismo com o tipo do desenho das letras da primeira linha, onde se lê L. TITI, de uma marca do Museo Nazionale delle Terme e de uma outra de Viena.

⁴² DIOGO, A., *op. cit.*, nº 16; FARIA, J., 1987, oleiro nº 53.

⁴³ Marca que já constava do trabalho apresentado por Diogo em 1980.

de 563 marcas em diferentes tipos de punções, o que nos dá, apenas, uma ténue ideia da sua actividade.⁴⁴ Na Lusitânia, para além desta, da publicada por Luísa Ferrer Dias⁴⁵ e doutra trazida por nós à colação em 2000⁴⁶, este oleiro já era conhecido em Beja (Lopes, M., 1994).⁴⁷ Quanto à marca das Represas, são evidentes os problemas de identificação, pois a leitura do punção é feita na base das letras L.C ou L.G, o que tem provocado controvérsia entre vários autores: para Adília Alarcão, esta marca pode ser interpretada como pertencente a L.C[RISPIVS], oleiro de Arezzo nº 771 do OCK⁴⁸, enquanto que, para Conceição Lopes, é identificada como originária das oficinas de *GELLIVS* a partir da forma da cartela, do tipo *in planta pedis*. Para os autores do OCK ela não está identificada com nenhum tipo de cartela; daí a atribuição ao tipo 0, considerando-se assim como uma marca de leitura duvidosa.

7. À oficina de L. Umbrício pertence a marca LOCAS 273/96 (Est. I.7 e Est. IV.33), com o punção de um dos seus escravos *HOSPES*⁴⁹. Numa cartela, rectangular com duas linhas (OCK tipo 261), que se encontra partida, conseguimos ler na primeira HO e na segunda L.V. A leitura que obtivemos corresponde ao oleiro nº 2459 do OCK com diacronia aproximada, entre 15 e 1 a. C. Enquanto L. Umbrício é oleiro com difusão relativamente vasta, a maior parte da localização das oficinas em que trabalharam os seus escravos é desconhecida. Excluindo a Península Itálica, as Germânicas, a Narbonense e a Mauritânia, a marca *HOSPES L. UMBRICIVS* apenas foi encontrada na Península Ibérica, na Tarraconense (Elche e *Varea*). Assim, com reservas, pensamos ser, a marca estudada, a primeira encontrada na *Lusitania* romana.

8. A próxima marca, LOCAS 266/96 (Est. I.8 e Est. IV.34), da qual possuímos apenas 7 mm, está inserida numa cartela de tipo indeterminado, que poderá estar centrada, e dá-nos uma leitura muito reduzida do nome do oleiro. Apenas duas letras, de espessura muito fina, cerca de 1 mm, estão impressas de maneira cuidada. A primeira é G e a segunda a porção de um A, com o traço de ligação das duas pernas ligeiramente oblíquo. A sua identificação a um oleiro implica elevado grau de incerteza, pois no OCK o começo por GA pode ser identificado a, pelo menos 7, oleiros; no entanto, parece-nos serem apenas dois

⁴⁴ Pois funcionou cerca de 65 anos. Devemos levar, também, em linha de conta o facto de o OCK ter já oito anos.

⁴⁵ DIOGO, A. *ibidem*, pp. 148 e 154, nº3.

⁴⁶ Nesse nosso artigo de 2000 (SEPÚLVEDA, E. *et alii*, 2000 p. 136, nº 43) uma marca de L. *GELLI*, em duas linhas, à qual faltava a segunda, foi assimilada à produção do oleiro L. *GELLI QUADRATVS*. Jerez Linde (2005, nº 85) apresenta uma marca recolhida na Alcazaba de Mérida, que, já tinha sido estudada por Pérez Outeiriño, e atribuída a L. *GELLI QUADRATVS* com o que não concordamos, visto que, no OCK, esta marca foi atribuída, sem dúvidas, ao oleiro *GELLI*, nº 878.

⁴⁷ Ver RIBEIRO, F., 1959; ALARCÃO, A., 1971 e OCK, 2000.

⁴⁸ Pensamos ter esta investigadora apostado nesta identificação baseando-se na ocorrência da existência nas Represas de mais duas marcas deste oleiro onde foram utilizados os punções do OCK nº 11 (L. *CRIS*) inserido em cartela do tipo *in planta pedis* e nº 8 (L. *CR*) em cartela do tipo 431.

⁴⁹ Até ao presente apenas é conhecido um punção-tipo deste escravo de Umbrício.

os que estarão mais próximos: *GALLVS* (nº 864 com olaria algures na Itália central e com cronologia de 10 a. C. até para além do ano 30 d. C.) e *GAVIVS* (nº 867, com oficina em Arezzo (?) e com uma diacronia entre 10 a. C. e 20 d. C.). Partindo do pressuposto de se encontrar desenhado, provavelmente, o calcanhar de um pé, e não esquecendo o tamanho reduzido deste fragmento, poderemos pensar ser uma cartela *in planta pedis* dos tipos OCK 601-607.

No reportório de punções deste oleiro encontrámos no CVA⁵⁰ uma marca de Gávio, em Cartago, que apresenta a leitura GA. Contudo, Kenrick quando elenca a «List of occurrences» para Gávio, interroga-se sobre a possibilidade de a marca ser realmente dele. Quanto a nós, achamos poder atribuir, com um certo grau de reserva, a marca de Alcácer a *GAVIVS*, visto ser um oleiro conhecido em toda a *Hispania* e com paralelo em Mérida (Jerez Linde, J., 2005:79, e Fig. 22, nº 83)⁵¹.

2.2.3 Oleiros com oficina em Pozzuoli/Cumae

9. Embora seja Arezzo a principal zona de concentração de olarias que produziram *terra sigillata* de tipo itálico, existem, na Itália, outros centros oleiros importantes que produziram este tipo de cerâmica fina de mesa. Entre estes, iremos começar por referenciar o de Pozzuoli⁵², que não deve ter iniciado a sua produção antes de 10 a. C., atendendo ao tipo de vasos que ali foram descobertos⁵³.

Dos oleiros que laboraram neste centro foi exumada uma marca de *EPIGONVS*, LOCAS 271/96 (Est. I.9 e Est. IV.35), cuja actividade tem como baliza cronológica 10 a. C., não se tendo confirmação arqueológica para o seu final. Apenas quatro variantes são conhecidas da marca de Epígono (OCK nº 770). A explicação que achamos ser a mais plausível para este facto reside em ser este oleiro pouco conhecido para além da região de Pozzuoli. Contudo, temos referências suas nas províncias da *Achaea*, da *Arabia* e na própria *Lusitania*. A marca de Alcácer está incompleta, inserida numa cartela de tipo rectangular com os cantos arredondados onde se lê EPIG. Os caracteres são extremamente finos com espessuras que não ultrapassam 1 mm. Na Lusitânia, para além da marca apresentada, só temos conhecimento de mais duas nas Represas (Beja).

Uma dessas marcas está completa (Ribeiro, F., 1959: nº 99) e a outra, com leitura EPI, consta da monografia da autoria de Conceição Lopes (Lopes, C., 1994: nº 4117).

⁵⁰ OXÉ, A.; COMFORT, H., 1968 p. 204, oleiro 727, q.

⁵¹ Pérez Outeiriño, 1990: nº 74 (*Apud*. JEREZ LINDE, J., *op. cit.*, pp. 79, 80 e 110). Esta marca, assim como a nº 84, de El Chorrillo, são consideradas como pertencentes ao oleiro aretino C. *GAVIVS*.

⁵² Cidade costeira do Mar Tirreno situada a pouca distância de Nápoles, cuja excelente situação geográfica permitia a existência de um comércio intenso efectuado por via marítima e/ou terrestre.

⁵³ OCK, 2000, p. 32 e 33.

Não devemos terminar sem salientar o facto de este oleiro estar ausente na capital da Lusitânia, num total de 162 marcas de oleiros itálicos⁵⁴ (!).

2.2.4 Oleiros com oficina em sítio indeterminado

Pertencem a este grupo apenas duas marcas, LOCAS 263/96 (Est. II.10 e Est. IV.36) e LOCAS 272/96 (Est. II.11 e Est. IV.37), que seguidamente estudaremos em pormenor.

10. A primeira, aplicada no fundo de um vaso de que não conseguimos definir a forma, está incompleta e encontra-se inserida numa cartela de tipo rectangular com elemento separador do tipo OCK 261, onde se lê, na primeira linha, A (ou P^A ?) VILI e, na segunda, PHI(...). A colocação do *gentilicium*, *Avillivs*, na primeira linha poderia querer significar que o oleiro, possivelmente *PHILA* (⁵⁵), seria um liberto, hipótese que questionamos tendo em linha de conta a «chamada de atenção» de Kenrick, a propósito de *AVILLIVS PROTVS* (OCK: 156, oleiro nº 394).

Em Braga, foi referenciada uma marca, proveniente das Cavalariças (Morais, R., 2005:175, nº 15), onde a posição dos nomes se encontra trocada em relação ao nosso exemplar, o que significaria ser a marca da autoria do escravo de Avílio.

Não será, todavia, despiçando assimilar também esta marca, do espólio de *Salacia*, ao oleiro *P.AVILLIVS PHILA* (), OCK 409, com cronologia para a sua produção «possivelmente augustana», se considerarmos a leitura do nexu P^A, embora no exemplo apresentado por Kenrick o P e o A se encontrem separados⁵⁶.

11. A segunda marca poderá estar relacionada com a anterior, pois deverá pertencer a um dos *AVILII*, atendendo à leitura que propomos *A•A^VI* (OCK, 395). Está aplicada numa taça, de que possuímos a base (*Consp.* B 4.9), numa cartela rectangular de vértices arredondados (OCK, 451). A. Avílio é um oleiro cuja localização da oficina não foi identificada até agora e que deve ter laborado durante um longo período de tempo, de 15 a. C. a 30 d. C.

Esta marca tem como paralelo, na província da Tarraconense, os punções identificados em Tarragona e Valência, enquanto que, para a *Baetica* foram encontradas marcas idênticas (*Córdova* e *Astia Regia*), mas em punções da forma OCK 0 e 603.

Das estações com espólios que nos têm servido como elementos para comparação conhecemos, apenas, uma marca radial de um dos seus escravos, *Eros*,

⁵⁴ JEREZ LINDE, J., *op. cit.*

⁵⁵ O espaço que é bem definido para o resto das letras, atendendo à área do rectângulo, não permite mais do que duas letras, logo a nossa escolha de leitura *PHILA* ().

⁵⁶ OCK, 2000, p. 159.

em *Scallabis* (Viegas, C., 2003:86), e uma de C. Avilio, em Belo (Bourgeois, A.; Mayet, F., 1991:54, Tableau 23, nº 24).

2.2.5 Marcas de difícil atribuição ou mesmo de leitura incerta

Finalmente, analisaremos o grupo que foi formado a partir de um critério baseado num grau crescente de dificuldade/indeterminação de leitura, constituído por três marcas.

12. A primeira marca, incompleta, LOCAS 269/96 (Est. II.12 e Est. IV.38), encontra-se impressa num fragmento de fundo de uma base de taça *Consp.* 7, inserida em cartela rectangular de cantos arredondados e limitada por dois círculos paralelos, um à distância de 8mm e o outro à de 4. Distingue-se, perfeitamente, um nexa de três letras P[^]H[^]V[^], seguido de um outro carácter de que possuímos uma porção diminuta do que nos parece ser um L. A identificação a um oleiro específico tornou-se assim difícil. A investigação efectuada levou-nos às seguintes hipóteses de identificação.

No OCK não existe nenhum oleiro que tenha um punção, dentro do grupo dos PHI... (nºs 1438 a 1461), com o referido nexa, excepção feita a *PHILEROS* (OCK:328, oleiro nº 1449, nºs 3 e 4), oleiro de Pisa com uma diacronia de cerca de 10 a. C. até para além do início da Era, e a *PHILOSIT(VS)*, que apresenta punções aplicados em cartelas do tipo OCK 100, idênticos ao da nossa marca, o que permitiria o «encaixe» das restantes letras. A cronologia atribuída a este oleiro, de 20 a 1 a. C., é também um factor bastante atractivo, quando conjugada com o tipo de taça onde a marca, agora estudada, está aplicada – *Consp.* 7⁵⁷.

Se atendermos às difusões apresentadas para cada um dos oleiros com nomes iniciados por PHI, no OCK, não seria despendioso escolher o oleiro aretino *PHILOGENES* (nº 1456), cujas marcas são encontradas, nos arqueossítios de ocupação romana, de forma «substancial» (por exemplo, Alicante, Ampúrias e Segóbriga, situadas na província romana da *Tarraconensis*).

Porém, a existência de uma marca de *PHILOSITVS L. TITIVS*, OCK, nº 1460, 1 e 2, exumada aquando da intervenção urbana no Alto de São Miguel (Alcácer do Sal) e por nós estudada⁵⁸ será, sem dúvida, uma das hipóteses mais aliantes para a identificação do oleiro que aplicou esta marca.

13. Outra das marcas encontra-se todavia completa, LOCAS 264/96 (Est. II.13 e Est. IV.39) e está aplicada no fundo interno de uma pequena taça. Está inserida numa cartela circular do tipo genérico OCK 500 e pensamos poder identificar,

⁵⁷ Cronologia entre 40 a. C. e 10/25 d. C.

⁵⁸ SEPÚLVEDA, E., FERREIRA, M., MATA, V., 2008 pp. 282-284, fig. 3.

talvez, um A ou V, um pequeno traço horizontal e outro traço, mais pequeno, oblíquo, que formarão, possivelmente, um nexo.

Tornou-se, pois, impossível identificar a oficina não tendo encontrado nenhum paralelo, na nossa bibliografia. Pareceu-nos ser a hipótese mais viável relacioná-la com uma marca do tipo «unattributable (2)» presente no OCK com o nº 2585.132.

14. Por fim, a última marca muito incompleta que foi inserida no fundo interno de uma base de pequena taça LOCAS 274/96 (Est. II.14 e Est. IV.40).

Nela identifica-se o que resta de uma aplicação indefinida que se encontra numa cartela, muito partida, que será do tipo rectangular com vértices redondos. Pensamos, no entanto, poder tratar-se de uma marca de tipo vegetalista —palma—, que se encontra presente no *Corpus Vasorum Arretinorum* (OCK 2580.139).

Catálogo

Nº Inv	Oleiro	Consp. (frag.)	Origem	Tipo cartela (OCK, nº)	OCK (nº)	Crono geral	Nexos	Observações
LOCAS 263/96	AVILLIVS PHILA ()	—	Ind.	Rectangular (261)	?	15 a. C.+ ou 10 a. C.+	-	Centrada? Incompleta
LOCAS 272/96	A.AVILLIVS	Consp. B 4.9	Ind	Rectangular (451)	395	15 a. C./ 30 d. C.+	A^V	Taça Centrada
LOCAS 270/96	P.CORNELIVS FIRMVS	Consp. B3.13	Arezzo	Rectangular (261)	646	15 a. C.	-	Centrada. Pouco nítida
LOCAS 271/96	EPIGONVS	—	Pozzuoli /Cumae	Rectangular (100)	770	10 a. C.	-	Centrada? Incompleta
LOCAS 266/96	GA	—	Arezzo (?)	<i>in planta pedis</i> (601/607)	867	10 a. C./ 20 d. C.	-	Opção GAVIVS
LOCAS 265/96	L. GELLIVS	—	Arezzo (?)	Rectangular (451)	879	15 a.C./ 50 d. C.	-	Segundo L elevado
LOCAS 267/96	SAVFEIVS	Consp. B 23.2	Arezzo	<i>in planta pedis</i> (617)	1800	15 a. C./ 30 d.C. +	E^I	S retrógrado. Centrada
LOCAS 360/96	L. TETTIVS SAMIA	—	Arezzo	Rectangular (100)	2109	20 a.C./ 5 d. C.	-	Na 1ª linha TTI, na 2ª IA
LOCAS 268/96	THYRSVS	Consp. B 24.3	Arezzo	Rectangular (100)	2120	20 – 1 a. C.	L^T; T^H^Y; S^I	Centrada. Pouco nítida
LOCAS 262/96	A. VIBIVS SCROFVLA	—	Arezzo	Rectangular (100)	2400	40 – 15 a. C.	-	Centrada

Nº Inv	Oleiro	Consp. (frag.)	Origem	Tipo cartela (OCK, nº)	OCK (nº)	Crono geral	Nexos	Observações
LOCAS 273/96	L.VMBRI-CIVS HOSPES	—	Arezzo (?)	Rectangular (261)	2459	15 – 1 a. C.	-	Centrada? Incompleta
LOCAS 269/96	PHIL (?)	Consp. 7	Ind.	Rectangular (100)	?	Época Augusta	P^H^I	Centrada Incompleta
LOCAS 264/96	(?)	(?)	Ind.	Circular (500)	2585, 132	(?)	-	—
LOCAS 274/96	Anepígrafa.	Consp. B 4.7	Ind.	Rectangular	2580, 13	(?)	Palma (?)	Taça

3. DIFUSÃO DAS OLARIAS ITÁLICAS NA LUSITÂNIA, BÉTICA E NA MAURITÂNIA TINGITANA

Para *Salacia* verifica-se, desde os inícios da produção da *terra sigillata* de tipo itálico, a existência de novos padrões de importação de cerâmica fina de mesa, atestando-se uma ligação ao centro abastecedor itálico por excelência, Arezzo, que, ao deter o «monopólio» da produção durante o período tardo-republicano/inícios do Império, coloca os seus produtos em centros consumidores que passam a estar dependentes desse abastecimento. Facto este que se verifica na alta percentagem de mais de 57% de marcas, encontradas e analisadas neste estudo, respeitantes a oleiros com as suas oficinas ali localizadas.

Quadro 2. Distribuição das novas marcas apresentadas por centros oleiros itálicos.

Proveniência	Arezzo	Arezzo (?)	Pozzuoli	Ind.	Total
Marcas	5	3	1	5	14
%	35,71	21,43	7,15	35,71	100,00

Os resultados obtidos permitem-nos levantar a hipótese de que as importações de *terra sigillata* originada neste complexo oleiro teriam tido um significado de modernidade ou, quiçá, reflectindo o acompanhamento de modelos equivalentes do consumo em Itália (Bustamante Álvarez, M., 2008) por parte dos cidadãos de *Imperatoria Salacia*.

Estes estariam assim dispostos a adquirir esta cerâmica, pois possuíam padrões de desenvolvimento económico e social (de tipo elitista) que lhes advinham da situação privilegiada que a própria cidade apresentava para o período que se analisa.

Podemos, também, verificar esta influência tão acentuada da importância do grupo de olarias aretinas ao analisar os totais agregados, obtidos até ao momento, das marcas de oleiros itálicos encontradas em *Salacia*, ao longo das várias escavações e prospecções descontextualizadas que permitiram a elaboração do quadro 3.

Aqui as percentagens referentes ao centro produtor de Arezzo já serão mais elevadas das que indicamos no quadro 2, atingido os 69% (=61+8), muito afastadas das percentagens das olarias suas concorrentes, localizadas em zonas costeiras como seja o caso de Pisa no mar Tirreno (2%) e Pozzuoli, na Campânia, com 8% (=7+1).

Quadro 3. Totais e percentagens de oleiros itálicos encontrados em Alcácer do Sal, por proveniência, até ao momento do estudo efectuado.

Proveniência	Faria; Ferreira; Diogo (1987)*	Faria (1998)	Sepúlveda; Faria et al (2000)	Sepúlveda; Ferreira; Mata (2009)	Sepúlveda; Mata; Ferreira **	Total	%
Arezzo	44	2	10	X	5	61	61,00
Arezzo?	5	X	X	X	3	8	8,00
Pozzuoli	4	X	2	X	1	7	7,00
Pozzuoli ?	1	X	X	X	X	1	1,00
Itália Norte	X	X	1	X	X	1	1,00
Itália Centro	3	X	X	X	X	3	3,00
Luni	1	X	X	1	X	2	2,00
Pisa?	2	X	X	X	X	2	2,00
Roma	2	X	X	X	X	2	2,00
Roma?	4	X	X	X	X	4	4,00
Ind.	1	1	1	1	5	9	9,00
TOTAL	67	3	14	2	14	100	100,00

* Dados compilados a partir de: Alarcão, A., 1971; Dias, L., 1978; Diogo, A., 1980 e 1982.

** Dados que constam do presente trabalho.

Estes resultados parecem conferir uma padronização ao comércio marítimo da *terra sigillata* de tipo itálico, visto que esta seria considerada como uma mercadoria que, quanto ao seu transporte, pensamos ser de tipo secundário. As cidades lusitanas da costa atlântica beneficiariam, então, de uma rota comercial que teria como fim, para além do abastecimento de mercadorias de tipo principal, o desta cerâmica fina de mesa.

Certamente que este fluxo marítimo para atingir o Atlântico teria de atravessar a região do estreito de Gibraltar assim fazendo porto na importante cidade de *Gades*. As cidades a que chamámos *en route* (*supra*) seriam, assim, de igual maneira, abastecidas com estas cerâmicas.

Estarão então incluídas as cidades costeiras do sul da Bética, servindo como pólos difusores para o abastecimento dos mercados consumidores do interior o que aconteceria igualmente nas suas cidades congêneres, localizadas no Norte de África, pertencentes do ponto de vista administrativo, a partir de Cláudio, à província romana da Mauritània Tingitana⁵⁹.

Os testemunhos deixados em relação às marcas de *terra sigillata* de tipo itálico em cidades da Bética como, *Carteia*, *Baelo Claudia* e *Gades*, assim como nas cidades do norte de África de *Tamuda*, *Septem Frates* (Ceuta), *Tingis* (Tânger), *Cotta* e *Lixus* (Fig. 2) foram recentemente alvo de estudo numa obra mais abrangente sobre o comércio da *terra sigillata*, precisamente na área que inclui estas cidades.

No que diz respeito aos valores das importações de *terra sigillata* de tipo itálico, a autora, Bustamante Álvarez (2010: 164-166) afirma ser Arezzo, com 60,9%, considerado como o centro exportador/abastecedor por excelência para esta região. Por sua vez, as olarias da foz do Arno – Pisa, ocupam uma segunda posição com um valor equivalente a 1/3 da percentagem de Arezzo, sendo o restante distribuído por outros centros oleiros itálicos e pelas produções gauleses provenientes de Lyons (Rue de La Muette).

Por sua vez, a «rota atlântica» teria como pontos de contacto as cidades do sul da *Lusitania* (actual, Algarve), tais como *Baesuri* (Castro Marim), *Balsa* e *Ossonoba* entre outros, prosseguindo assim para o norte, tocando aglomerados urbanos costeiros ou muito próximo da costa, como seja o caso de Chãos Salgados, até atingir *Salacia* e continuando, mais além para *Olisipo*, *Scallabis* e *Conimbriga*, centros urbanos que conheceram intervenções arqueológicas que deram lugar a trabalhos especializados, no estudo desta cerâmica, de valor científico comprovado.

De maneira sucinta podemos concluir ser, para as cidades do sul, todas elas com um número reduzido de marcas itálicas (Viegas, C., 2011: 133-136, 293-295, 442-444), o centro oleiro de Pisa o que se destaca como fornecedor privilegiado,

⁵⁹ Para uma melhor compreensão da situação política/administrativa na África do Norte, durante o séc. I d.C., veja-se HUGONOT, C., 2000, pp. 40-66.

casos de *Baesuris* e *Ossonoba*, enquanto que *Balsa* será a cidade em que se reconhece novamente uma supremacia de Arezzo, embora o número de marcas num total de 3 não seja, a nosso ver, uma razão forte para se tirar tal ilação.

Quanto a Chãos Salgados, o cenário não é muito diferente pois o número total de marcas não ultrapassa a meia dúzia com cinco leituras possíveis, onde estão representados o centro produtor «monopolista» de Arezzo em número elevado, tendo em conta a dimensão do conjunto com apenas 3 marcas. Os restantes exemplares apresentam marcas de oleiros oriundos de Pisa e de Pozzuoli, ambos com uma marca (Quaresma, J., 2012: 81-84)

Por sua vez, e continuando para norte, os valores que apurámos para *Olisipo*, não esquecendo que o centro produtor de Arezzo inicia a sua actividade de produção deste tipo cerâmico cerca de três a quatro décadas anteriores em relação às olarias de Pisa⁶⁰, dão-nos, contabilizando apenas as marcas do Teatro Romano, uma percentagem de 40,9% contra uns meros 13,7%, para as olarias que laboraram em Pisa.

A partir daqui apresentava-se a possibilidade de abastecimento a *Scallabis Praesidium Iulium* aproveitando a bacia do Tejo. Mercado que seria bastante atracente, atendendo ao número de consumidores de origem itálica, e que apresenta um conjunto apreciável de marcas em que os oleiros aretinos se encontram dentro dos valores que temos vindo a apresentar, neste caso na ordem dos 41% sendo seguidamente as olarias localizadas no Centro de Itália as privilegiadas no abastecimento local em detrimento de Pisa.

Por fim não podemos acabar este périplo sobre a difusão desta cerâmica sem deixar de mencionar *Conimbriga*, pequena cidade da *Lusitania*, que conheceu um programa de intervenções arqueológicas bem estruturado a partir do qual se obteve um conjunto de publicações paradigmáticas que, ainda hoje, se encontram carregadas de interesse para o conhecimento do abastecimento e consumo da sua população em época romana.

É pois com um comentário referente à origem das marcas de *terra sigillata* de tipo itálico que terminaremos esta resenha, que propusemos fazer, em relação à difusão desta cerâmica, tendo como pressuposto as marcas de oleiro obtidas em centros urbanos costeiros da região do Estreito de Gibraltar e da Costa Atlântica, situadas na Lusitânia, na Bética e na Mauritânia Tingitana.

Na impossibilidade de calcularmos as percentagens, o que nos tem servido como instrumento de análise, seguiremos de perto as considerações a que Adília Alarcão chegou sobre este tema (1975:39-47).

Não obstante a dificuldade, que ao tempo existia, para a identificação das olarias que estavam envolvidas no abastecimento da cidade indica que «le princi-

⁶⁰ Veja-se OCK, *op. cit.*, pp. 25-35.

pal centre fournisseur...»⁶¹ era, sem dúvida, Arezzo, seguido pelas olarias napolitanas de Pozzuoli/Cumae e, por fim, pelo grupo de centros oleiros localizados no vale do Pó (Faenza?).

4. CONCLUSÕES

As conclusões que seguidamente apresentamos encontram-se penalizadas, logo à partida, por uma série de entraves que este estudo conheceu e que as vão tornar bastante incompletas, na medida em que abundantes espólios, de época romana de *Imperatoria Salacia*, se encontram depositados em diversas instituições e aos quais não tivemos acesso visto, terem sido atribuídos, ou distribuídos, para estudo a outros investigadores.

No caso particular das marcas de oleiro, sabemos da existência de, pelo menos, cerca de mais de uma vintena em exposição no Museu da Cripta do Castelo de Alcácer do Sal, quantitativo que iria alterar os totais e percentagens indicadas, já para não falar do espólio romano depositado em Lisboa no MNA.

— A importância da localização de Alcácer do Sal (**BEUIPO*), junto à margem direita do rio Sado com acesso fácil e a pouca distância do litoral atlântico (Fig. 1), tinha-a tornado num ponto de trocas comerciais importantes já em época sidérica (Encarnação, J., 2004), como provam os achados de tanques de salga de peixe e/ou destinados à obtenção do sal, os quais foram encontrados⁶² aquando da construção da pousada do INATEL, de cerâmicas de origem ática, já para não falar de outras importações de raiz mediterrânica, que poderemos classificar como de características sumptuárias.

Este facto tem continuidade em época republicana romana que nos parece ser bem ilustrado pela importância política e administrativa dos *Cornelli Bocchi*⁶³, família pertencente à classe equestre que teria tido, sem dúvida, a sua residência, em *Salacia*, uma das cidades romanas mais bem colocadas, do ponto de vista geográfico e comercial, na Lusitânia litoral (Morais, R.; Bernardes, J., 2011), como afirmámos *supra*.

A ligação desta família ao comércio de abastecimento das populações locais⁶⁴ e às suas necessidades em bens primários tem sido analisada, focalizando-se, primeiro, nas importações de azeite de origem bética e do vinho itálico e, posteriormente, no controlo da produção local de contentores cerâmicos, do tipo ânfora,

⁶¹ ALARCÃO, A., 1975, p. 39.

⁶² Os quais foram, infelizmente, destruídos por razões imperativas que se prenderam com a construção da própria Pousada.

⁶³ De importância fundamental para a compreensão da força política, administrativa e do evergetismo dos *Bocchi*, e entre os vários trabalhos de investigação até hoje publicados, devemos realçar o último Colóquio Internacional efectuado em Tróia em Outubro de 2010.

⁶⁴ Não esquecendo as funções desempenhadas em relação ao abastecimento das legiões.

em época tardo-republicana e inícios do Império, que se destinariam ao envasamento de produtos como o sal, a salga de peixe e seus derivados. Estes produtos focalizados para a exportação e provenientes da pesca efectuada num mar, tradicionalmente variado e abundante (Encarnação, J., 2004), certamente entravam num clima de franca concorrência com os produtos gaditanos e itálicos que eram dominantes no mercado «global» de então (Morais, R., 2007).

— Embora na chamada «primeira fase» a exploração de recursos mineiros não seja de todo esquecida (Morais, R., 2007:135; Cardoso, J. *et alii*, 2011), defendemos a hipótese de que, para além destas actividades, a indústria de fição devia ter tido um papel muito importante na vida económica da cidade e do seu *ager*, na medida em que, como já o afirmámos, Plínio-o-Velho quando se refere aos tecidos⁶⁵ de *Salacia* elucida-nos que só seriam «... comparados, apenas, com iguais tecidos da Gália» (Guerra, A., 1995:121; Sepúlveda, E. *et alii*, 2007b: 258).

Mais ainda: a descoberta recente e fortuita de uma placa votiva, em Alcácer do Sal, na qual se pode ver a representação da figura de uma ovelha é, em nossa opinião, prova duma actividade deveras lucrativa e que, na análise de José d'Encarnação e Marisol Ferreira «... constitui desde cedo grande mais-valia» merecendo mesmo uma «... dedicatória solene.» (Encarnação, J.; Ferreira, M., 2012: FE, 93, 416; 2012, FE, 100, Ad 416).

— O número de oleiros itálicos até este momento publicado para *Salacia* vai corresponder a um total de 100, o qual poderá ser comparado com os 70 de *Olisipo* (Silva, R., 2005; Sepúlveda, E., Amaro, C., 2007c; Sepúlveda, E., Fernandes, L., 2009)⁶⁶, os 57 de Conímbriga (Alarcão, A., 1975), os 29, com leitura de Santarém (Viegas, C., 2003:83), os 26 de Braga (Morais, R., 2005), os 132 de Belo (Bustamante Álvarez, M., 2010), os 162 de Mérida (Jerez Linde, J., 2005) e os 99 de Cosa (Marabini, M., 2006). Este número, agora obtido, coloca *Salacia* num lugar que só é suplantado pela capital da província, de fundação augustana, Mérida, e pela cidade bética de Belo Cláudia.

— Em consequência dos resultados que obtivemos em relação aos oleiros presentes no nosso estudo, é de salientar que o oleiro aretino P. Cornélio, tendo uma vasta produção virada para o abastecimento das províncias romanas, fora da Itália⁶⁷, seja um dos mais presentes nos espólios romanos de Alcácer do Sal. É, pois, com naturalidade que, ao identificarmos mais uma peça com gramática decorativa corneliana e de uma marca de Firmo, que, como explicámos *supra*, é um dos seus escravos, estejamos a contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a actividade «exportadora» deste oleiro.

⁶⁵ Para o estudo da indústria têxtil romana no Ocidente do Império e especialmente no que diz respeito à sua estrutura, foi utilizado como referência LIU, J., 2009, capítulo II, «*Centonarii* and the Roman Textile Economy», pp. 57-96.

⁶⁶ Correspondendo a: 34 marcas da Praça da Figueira, 31 do Teatro Romano e 5 à Casa dos Bicos.

⁶⁷ «Uma vocação comercial mediterrânica e não galo-germânica (Ettlinger, 1987, p. 16) ...», *apud* QUARESMA, J., 2012, p. 224.

Tornou-se deveras sintomático verificar a existência da grande popularidade de P. Cornélio e da preferência do consumidor lusitano, ao estabelecermos o paralelismo da peça de Alcácer do Sal decorada, com a famosa «foglia plumata» (punção 230 de Troso), com iguais peças encontradas em Braga, Lisboa e Santarém, o que confirma o gosto do consumidor lusitano pelos seus punções decorativos.

— Não será, porém, só Cornélio que deve ser destacado, pois para além dele, constam do estudo duas composições atribuíveis a Rasinio, confirmando, também, a procura que os seus cálices tiveram para os centros consumidores romanos, e não só, situados no actual território português, pois a oficina de Rasinio encontra-se bem documentada, para todas as suas fases de laboração ao longo dos anos em que funcionou, quer em *Olisipo*, Braga ou Santarém, embora se encontre estranhamente ausente em Conímbriga.

— Podemos concluir, embora saibamos que as recolhas foram efectuadas arqueologicamente descontextualizadas, ter sido o comércio de *terra sigillata* de tipo itálico caracteristicamente contínuo, com diacronias que vão desde a década de 40 a. C. até meados de 50 d. C., tendo como referências as marcas de Víbio Scrófula e a de L. Gélio, desde que se apontem como base para este raciocínio os limites propostos, no OCK por Kenrick, para os inícios e finais da produção de cada um dos dois oleiros.

Estas cronologias que acabámos de apresentar são também confirmadas pela análise crono-tipológica feita aos fragmentos de material anfórico encontrados no mesmo sítio arqueológico, igualmente em recolhas de superfície (Pimenta, J.; Sepúlveda, E.; Ferreira, M., no prelo).

Para além desta análise, serão de interesse fundamental, para a afinação do intervalo temporal que indicámos, os estudos que iremos efectuar, num futuro próximo, aos fragmentos de cerâmica de paredes finas (com produções que abrangem o período de transição entre a época tardo republicana e inícios/ 3º quartel séc. I d. C)⁶⁸, aos de cerâmica campaniense, aos de lucernas, e aos de cerâmica dita 'comum,' que foram igualmente encontradas na encosta do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal.

O conjunto dos resultados obtidos servirá, assim, para a construção de uma matriz que nos permitirá ter uma panorâmica do consumo global dos vários tipos de cerâmica e aferir o movimento comercial entre as várias províncias do Império e a *Urbs Imperatoria Salacia*, durante um período que consideramos ser como um dos de maior prosperidade da sua história.

Em Memória de João Carlos Lázaro Faria

⁶⁸ Existem cerca de três centenas de fragmentos de cerâmica de paredes finas.

ESCLARECIMENTO

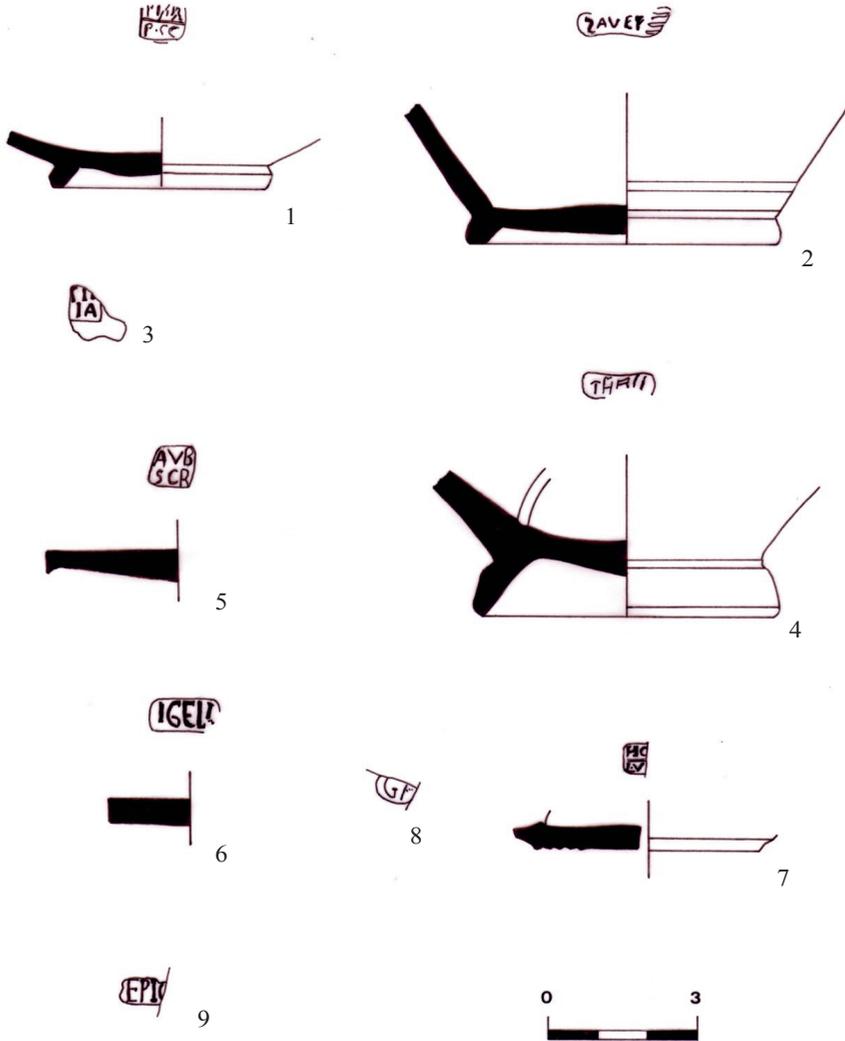
Ao revermos o nosso primeiro artigo sobre a *terra sigillata* de tipo itálico do lado ocidental do Castelo, verificámos ter cometido uma imprecisão, ao classificarmos um bordo de prato como sendo atribuível a produções com origem em Itália (Sepúlveda, E. *et alii*, 2000:120, 134, 146, fig. 6, nº 36). No entanto, mais tarde, ao termos comparado este bordo com mais três fragmentos da encosta do Castelo de Alcácer do Sal (MMPN 1268, LOCAS 381 e 382/96) com pastas idênticas, concluímos ser um fragmento de *terra sigillata* Oriental A da forma Hayes 11, com datação de 50-20 a. C., permitindo-nos poder afirmar da existência de outros pontos produtores/exportadores de cerâmica fina de mesa, da bacia do Mediterrâneo para *Salacia*.

Os autores

Agradecemos ao Professor Dr. José d'Encarnação as suas sugestões e correcções, assim como aos Mestres Inês Ribeiro e Guilherme Cardoso e a Severino Rodrigues as fotografias e composição das estampas.

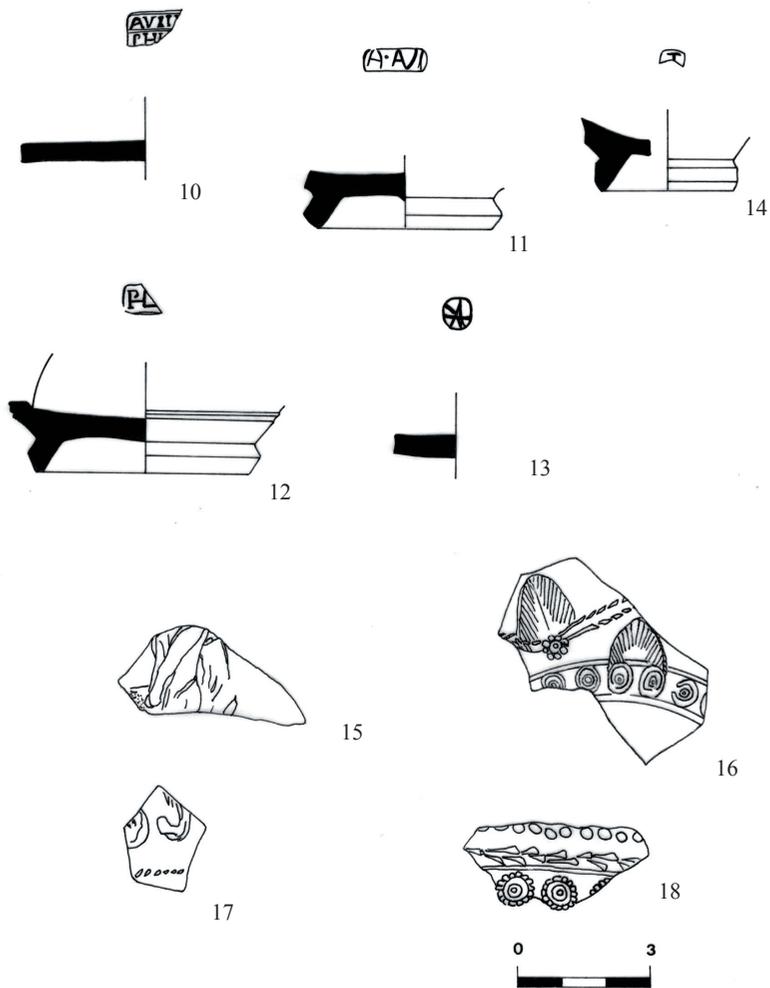
(Texto elaborado para as Actas, não publicadas, do «1º Encontro 5000 anos de Arqueologia e História. Tributo a João Carlos Faria», em 2009. Revisto em Janeiro de 2013).

ESTAMPA I



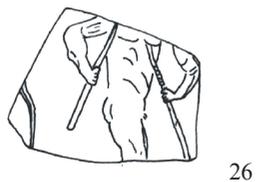
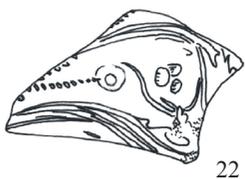
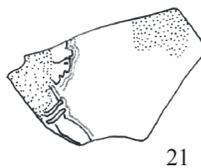
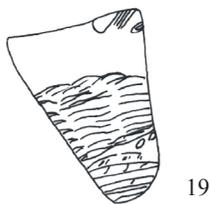
Oleiros – 1 a 5, de Arezzo; 6 a 8, possivelmente, de Arezzo; 9, de Pozzuoli/Cumae.

ESTAMPA II



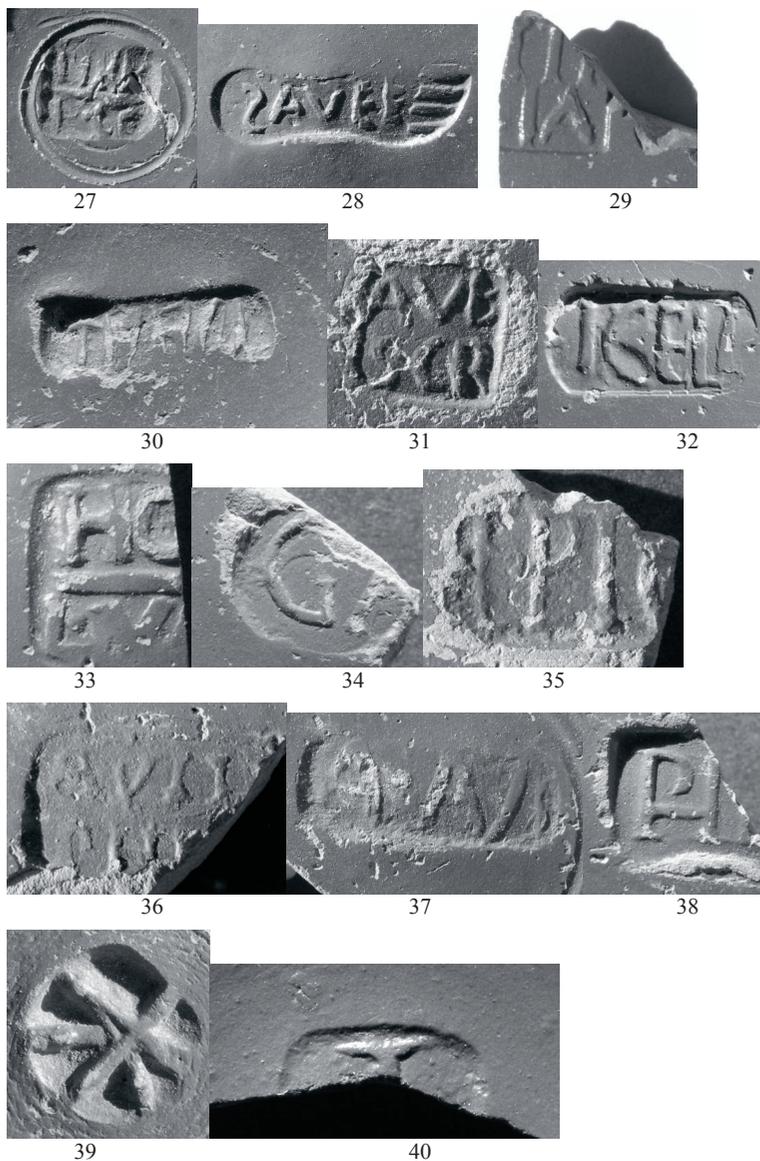
Oleiros – 10 e 11, com oficina em sítio indeterminado; 12 a 14, com oficina de difícil atribuição ou de leitura incerta. Fragmentos decorados: 15 a 18.

ESTAMPA III



Fragmentos decorados: 19 a 26.

ESTAMPA IV



Marcas – Oficina em Arezzo: 27 a 31; possivelmente, em Arezzo: 32 a 34; em Pozzuoli/Cumae: 35; em sítio indeterminado: 36 e 37; difícil atribuição ou de leitura incerta: 38 a 40.

ESTAMPA V



41



42



43



44



45



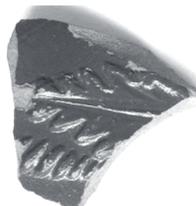
46



47



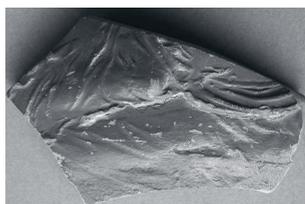
48



49



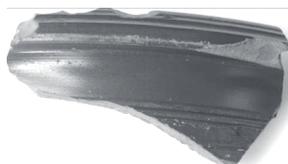
50



51



52



53



54

Terra sigillata de tipo itálico decorada: 41 a 52; Bordos de cálice: 53 e 54.



Fig. 1 – Localização de *Imperatoria Salacia* (Alcácer do Sal) in *Hispaniae Veteris Descriptio*. Ex conatibus Geographicis. Abrah. Ortelij; ORTELLIUS, Abraham, 1586 [versão 1595]

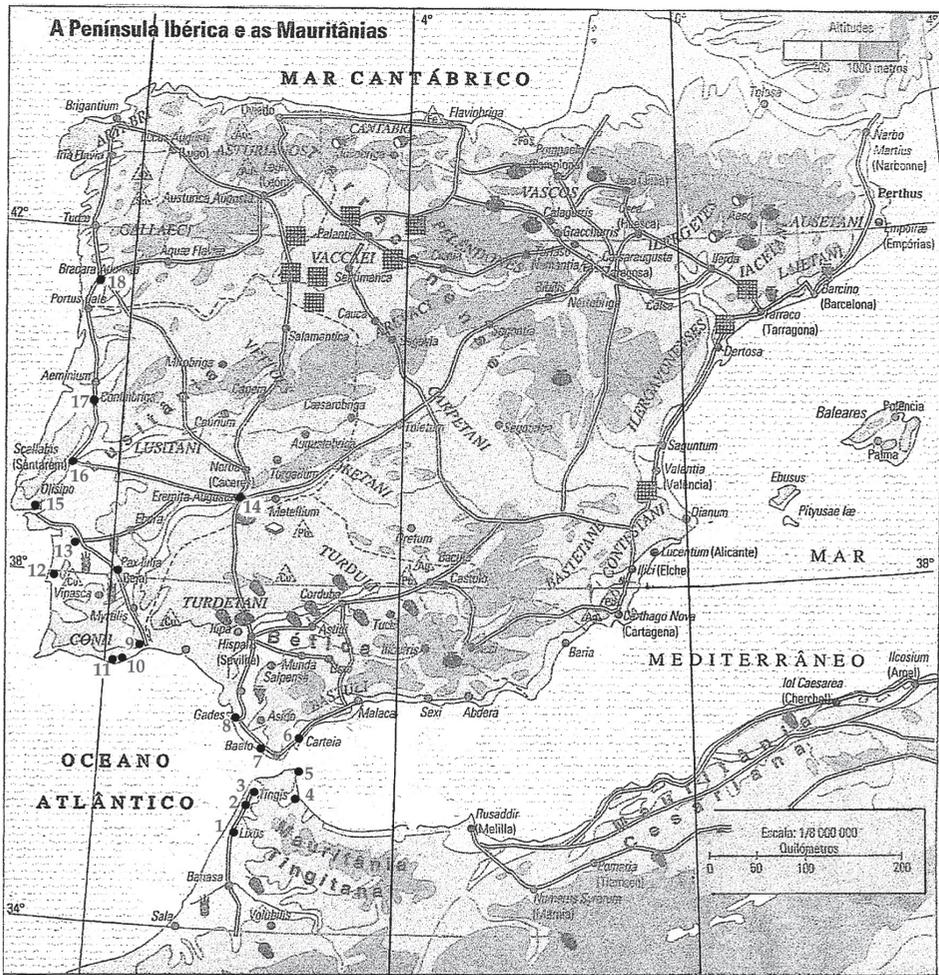


Fig. 2 – Sítios arqueológicos referidos no texto e localizados nas províncias romanas da Mauritânia Tingitana, Bética, Lusitânia e Hispânia Citerior. 1 – Lixus; 2 – Cotta; 3 – Tânger; 4 – Tamuda; 5 – Ceuta; 6 – Carteia; 7 – Belo; 8 – Cádiz; 9 – Castro Marim; 10 – Balsa; 11 – Faro; 12 – Chãos Salgados; 13 – Alcácer do Sal; 14 – Mérida; 15 – Lisboa; 16 – Santarém; 17 – Conimbriga; 18 – Braga.

BIBLIOGRAFIA

- AA. VV., *Extremadura en Europa: Cartografía de los siglos XVI-XIX*, Coria [Museo de Historia y Cultura Casa Pedrilla], 2010.
- AA. VV., *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, CARDOSO, João L. e ALMAGRO-GORBEA, Martín [coord.], Lisboa-Madrid, [Academia Portuguesa da História-Real Academia de la Historia. Archaeologia Hispanica 1. Bibliotheca Archaeologia Hispana 37], 2011.
- ALARCÃO, Adília, «A «terra sigillata» itálica em Portugal», in *II Congresso Nacional de Arqueologia* Lisboa, 1971, pp. 421-432, Est. 1-5.
- «Livre I. Les sigillées italiques», in ALARCÃO, Jorge e ÉTIENNE Robert [coord.], *Fouilles de Conimbriga IV, Les Sigillées*. Paris, 1975, pp. 1-66.
- ALARCÃO, Jorge, «Os Cornelii Bocchi, Tróia e Salacia», in CARDOSO, João L. e ALMAGRO-GORBEA, Martín [coord.] *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid, pp. 323-347, 2011.
- BOLILA, Catarina, *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, apresentada na FCSH da UNL, (policopiada), 2011.
- BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise, *Les Sigillées. Fouilles de Belo VI*, Paris, [La Casa de Velázquez. XVI], 1991.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena, «Cerámica y Poder: El papel de la *terra sigillata* en la política romana», *Anales de Arqueología Cordobesa*, 19, Córdoba, 2008, pp. 183-200.
- *El Comercio de Terra Sigillata alto imperial en el Círculo del Estrecho. Balance historiográfico y líneas de investigación*, Oxford, [BAR S2148], 2010.
- *La cerámica romana de Augusta Emérita en la época Altoimperial. Entre el consumo y la exportación*, Mérida, [Instituto de Arqueología de Mérida], 2012.
- CARDOSO, João; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos, «Alguns Aspectos da Mineração Romana na Extremadura e Alto Alentejo», in CARDOSO, João L. e ALMAGRO-GORBEA, Martín [coord.] *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid, 2011, pp. 169-188.
- CARVALHO, M.^a Teresa, *A Terra Sigillata de Monte Mozinho. (Contributo para a história económica do povoado)*, Penafiel, [Cadernos do Museu, 3], 1998.
- CHASE, George, *The Loeb Collection of Arretine Pottery*, New York, 1908.
- *Catalogue of Arretine Pottery*, Cambridge, 1916.
- CHRISTOL, Michel; NONY, Daniel, *Roma e o seu Império: das origens às invasões bárbaras*, Lisboa, 1990.
- CLARIANA i ROIG, Joan, «La Sigillata Itálica-Aretina decorada provinent de la vil.la romana de Torre Llauder (Mataró-El Maresme)», *Laietania*, Mataró, 11, 1998, pp. 97-107.
- DELGADO, Manuela; ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise, *Les Sigillées* in ALARCÃO, Jorge e ÉTIENNE Robert [coord.], *Fouilles de Conimbriga IV*, Paris, 1975.
- DIAS, Luísa, «As marcas de «Terra Sigillata» do Castelo de Alcácer do Sal», *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, Volume IV, 1978, pp. 145-154.
- DIOGO, António Dias, *Cerâmica romana de Alcácer – I*, Lisboa, [G. E. C. A], 1980.
- DRAGENDORFF, Hanz; WATZINGER, Carl, *Arretinishce Relief Keramik mit Beschreibung der Sammlung in Tübingen*, Reutlingen, 1948.
- ENCARNAÇÃO, José d', «F. Bandeira Ferreira, Um labor de epigrafista», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, ser. 122, 1(12), 2004, pp. 111-120.
- «Paisagens da Antiguidade», *Ofiusa*, Lisboa, 15, 2009, pp. 40-42.
- «Ad n. 416», *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 100, *Addenda et Corrigenda*, 2012.

- ENCARNAÇÃO, José d'; FERREIRA, Marisol, «Placa votiva de *Salacia*». *Ficheiro Epigráfico*, Coimbra, 93, 2012, inscrição nº 416.
- ETTLINGER, Elisabeth, et alii, *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae. Materialien zur Römisch-Germanischen Keramik*, Heft 10, Bonn, 1990.
- FARIA, João, *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*, Lisboa, 2002.
- FARIA, João; FERREIRA, Marisol; DIOGO, António Dias, «Marcas de terra sigillata de Alcácer do Sal», *Conimbriga*, Coimbra, XXVI, 1987, pp. 61-76.
- «Algumas notas acerca do provável *Forum* de *Imperatoria Salacia* (Alcácer do Sal)», *Conimbriga*, Coimbra, XXXVII, 1998, pp. 185-199.
- FERRARI, Anna, *Dizionario di Mitologia Greca e Latina*, Torino, 1999, p. 285.
- GOMES, Nuno, *Terra Sigillata Itálica Decorada – Escavações da Praça da Figueira (1999-2000)*. Dissertação de Licenciatura apresentada na Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (policopiada), 2002.
- GOUDINEAU, Christian, *Fouilles de l'École Française de Rome à Bolsena (Poggio Moscini) 1962-1967. La céramique arétine lisse*, Paris, 1968.
- GUERRA, Amílcar, *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Lisboa, 1995.
- HUGONOT, Christophe, *Rome en Afrique. De la chute de Carthage aux débuts de la conquête arabe*, Paris, 2000.
- HUSI, Philippe, «Quantification et datation en céramologie (Le nombre minimum d'individus: la technique de quantification la mieux adaptée à la datation des contextes archéologiques à partir de l'exemple de Tours)», *Les petits cahiers d'Anatole*, Tours, 6, 2001.
[Acessível em: http://www.univ-tours.fr/lat/pdf/F2_6.pdf]
- JEREZ LINDE, José, *La Terra Sigillata itálica del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, Cuadernos Emeritenses*, Mérida, 29, 2005.
- LIU, Jinyu, *Collegia Centonariorum: The Guilds of Textile Dealers in the Roman West*, Leiden-Boston, 2009.
- LOPES, M.^a da Conceição, *A Sigillata de Represas. Tratamento informático*, Coimbra, 1994.
- MAIA, Maria G.. P., «Notas sobre a «Terra sigillata» do Manuel Galo (Mértola). Enquadramento cronológico», in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 2, 1974, pp. 157-174.
- MARABINI MOEVS, M.^a Teresa, *Cosa. The Italian Sigillata*, Memoirs of the American Academy in Rome, Roma, Supplementary Volume II, 2006.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos T., *L'Atelier d'Amphores d'Abul (Portugal)*, Paris, 2002.
- MORAIS, Rui, *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta*, Braga, 2005.
- «Contributo para o estudo da economia na Lusitânia Romana», *Sagvntvm*, Valência, 39, 2007, pp. 133-140.
- MORAIS, Rui; BERNARDES, João, «L. CORNELIUS L. F. BOCCHUS e a economia da Lusitânia», in CARDOSO, João L. e ALMAGRO-GORBEA, Martín [coord.] *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, Lisboa – Madrid, 2011, pp. 123-131
- OXÉ, August, *Arretinische Reliefgefäße vom Rhein*. (Materialien zur Römisch-Germanischen Keramik 5), Frankfurt, 1933.
- OXÉ, August; COMFORT, Howard, *Corpus Vasorum Arretinorum. A Catalogue of the Signatures, Shapes and Chronology of Italian Sigillata*, Bonn, 1968.
- OXÉ August; COMFORT, Howard; KENRICK, Philip = **OCK**, *Corpus Vasorum Arretinorum. A Catalogue of the Signatures, Shapes and Chronology of Italian Sigillata*, Second Edition, (com CD), Bonn, 2000.
- PAÇO, Afonso; LEAL, Joaquim, «Castelo da Lousa, Mourão (Portugal). Una fortificación romana de la margen izquierda del Guadiana», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, XXXIX, 1966, pp. 167-183.

- PAIXÃO, António *et alii*, Castelo de Alcácer do Sal. Cripta Arqueológica (Roteiro), 2007.
- PIMENTA, João *et alii*, «Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção lusitana», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 9, número 2, 2006, pp. 299-316.
- PIMENTA, João; SEPÚLVEDA, Eurico; FERREIRA, Marisol, «Acerca da Dinâmica Económica do Porto de *URBS IMPERATORIA SALACIA*: O estudo das ânforas», no prelo.
- PORTEN PALANGE, Francesca, *Katalog der Punzenmotive in der Arretinische Reliefkeramik*, Mainz, 2004.
- *Die Werkstätten der arretinischen Reliefkeramik*, Mainz, 2009.
- PRIETO, M^a. Helena; PRIETO, João; PENA, Abel, *Índices de nomes próprios gregos e latinos*, Coimbra, [Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica], 1995.
- PUCCI, Giuseppe, «Terra sigillata italica», *Atlante delle forme ceramiche II. Ceramica fine nel Bacino Mediterraneo (Tardo ellenismo e primo Impero)*. Roma: Enciclopedia dell'arte classica ed orientale, 1985, pp. 359-407, pl. CXV-CXXXIV.
- QUARESMA, José, *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*, Lisboa, [UNIARQ]. Estudos & Memórias 4, 2012.
- RIBEIRO, Fernando, «*Terra Sigillata*» encontrada nas Represas – Beja. II – Marcas de oleiro, Beja, 1959.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FARIA, João; FARIA, Marisol, «Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: terra sigillata». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 3, número 2, 2000, pp. 119-152.
- SEPÚLVEDA, Eurico; CARDOSO, Guilherme, «Colecção José Marques da Costa do Museu de Setúbal/Convento de Jesus», *Subsídios para o estudo de história local*, Setúbal, Vol. 3 (Anos 2004 e 2005), 2007a, pp. 183-210.
- SEPÚLVEDA, Eurico; SANTOS, Patrícia; FARIA, João; FERREIRA, Marisol, «Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e coissoiros», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 10, número 2, 2007b, pp. 225-284.
- SEPÚLVEDA, Eurico; AMARO, Clementino, «Casa dos Bicos 25 Anos depois. Marcas de oleiro em terra sigillata», *Arqueologia. Al-Madan Online – Adenda Electrónica*, Almada, VIII, 2007c, pp. 1-9. [Acessível em: <http://www.almadan.publ.pt>].
- SEPÚLVEDA, Eurico; FERREIRA, Marisol; MATA, Vanessa, «O espólio cerâmico romano do Alto de São Miguel (Alcácer do Sal): intervenção urbana de emergência», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 11, número 2, 2008, pp. 271-300.
- SEPÚLVEDA, Eurico; FERNANDES, Lídia, «As marcas em terra sigillata de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 12, número 1, 2009, pp. 139-168.
- «Um cálice em terra sigillata de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Vol. 15, 2012, pp. 139-154.
- «Teatro Romano de *Felicitas Iulia Olisipo*: la sigillata de tipo itálico decorada (campanhas 2005-2006)», in, BERNAL, D.; JUAN, L. C.; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M.; DIÁZ, J. J. y SÁEZ, A. M., [coord.], *Actas del I Congreso Internacional de la SECAH*, (Cádiz) 3-4 de Marzo de 2011, Cádiz. 1, tomo II, 2013, pp. 59-73.
- SILLIÈRES, Pierre, Baelo Claudia. *Una ciudad romana de la Bética*, Madrid, 1997.
- SILVA, Rodrigo, «Marcas de oleiro» em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a. C. – séc. II d. C.). Tese de Mestrado apresentada ao ICS da UM, Braga (policopiada), 2005.
- STENICO, Arturo, *La ceramica aretina. I Museo archeologico di Arezzo*. Rasinius, I, Varese/Milano, 1960.

- *La Ceramica Aretina. Collezioni diverse punzoni, modelli, calci, ecc*, Collana di testi e documenti per lo studio dell'antichità, Varese/Milano, N° 14, 1966.
- TROSO, Cristina, *Il ceramista aretino Publius Cornelius. La produzione decorata a rilievo*, Pavia, 1991.
- VIEGAS, Catarina, *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*, Trabalhos de Arqueologia, Lisboa, número 26, 2003.
- *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares – Tavira): (1) A terra sigillata*, Tavira, 2006.
- *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Lisboa, [UNIARQ], Estudos & Memórias 3, 2011.
- WALTERS, Henry, *Catalogue of the Roman pottery in the Departments of Antiquities of the British Museum*, London, 1908.

LIBROS
